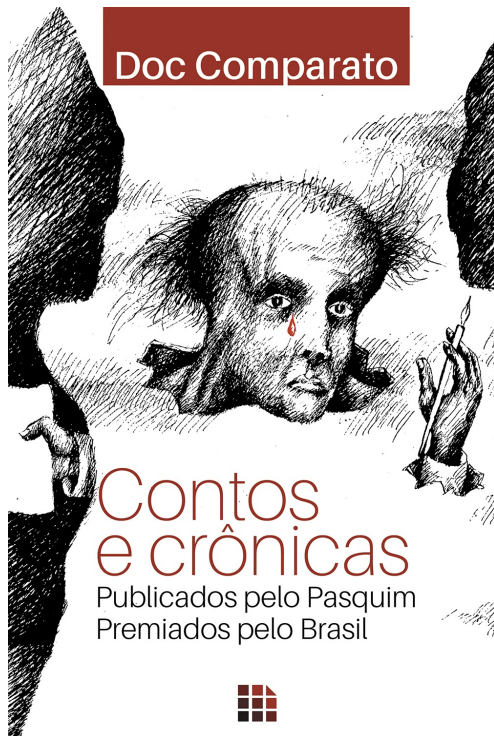


Doc Comparato



# Contos e crônicas

Publicados pelo Pasquim  
Premiados pelo Brasil



Doc Comparato

# Contos e crônicas

Booknando Livros

## SUMÁRIO

O CALO  
O MUNDO ENCANTADO DE UMA GORDA  
ESSES ALUCINANTES TERMOS MÉDICOS  
VERÃO TIJUCANO  
O HOMEM QUE PERDEU O HUMOR  
HADA E O H  
A HISTÓRIA DA PESTANA  
CARTA ANÃ  
UM TESTAMENTO  
IMPRESSO EM LIVRO  
“O BOLO DAS INSTITUIÇÕES” OU A RECEITA  
ENTREVISTANDO  
PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS, ENTRE PRECES E FÉS  
TRILOGIA DOS PAPÉIS  
POSFACIO  
Créditos

Estas sete crônicas foram publicadas originalmente no livro *O melhor da crônica brasileira*, Editora José Olympio, 1979.

## O CALO

- o senhor vai precisar extrair esse calo, Seu Antônio.

- Mas, doutor!?

- Coisa simples! Amanhã, lá pelas oito, o senhor passa pelo hospital e num instante nós retiramos esse incômodo. Anestesia local! Não vai doer nada.

O pacato Antônio, funcionário público há trinta anos, saiu do consultório cabisbaixo e meio nervoso. "Que ideia! - Depois de vinte e dois anos vivendo com esse calo. Meu calo de estimação! A Eusébia resolveu implicar com ele! Coisa de mulher na menopausa. Logo agora que eu faria bodas de prata com o calo!?", praguejou Antônio entre dentes.

Eusébia, em casa, recebeu a notícia com satisfação. Aliás já esperava por isso. Afinal, há vinte e dois anos, Antônio reclamava, dizia que o calo era o centro de seus problemas. Mas rifar o calo, tomar alguma providência, que é bom, nada. Nada mesmo.

- Graças a Deus, Antônio. Deus ouviu as minhas preces.

- Tô arrependido, Eusébia!

- Arrependido!? Por quê?

- Eusébia, eu vivi vinte e dois anos com esse calo! Será que você não tem alma nem coração? Tenho um profundo amor pelo meu calo! Tá certo que ele me incomoda de vez em quando, mas, no fundo, ele é inofensivo.

- Inofensivo!? Já estou cheia de ouvir a ladainha de sempre! Todo dia na hora de dormir você reclama deste maldito calo. Diz que não pode andar direito, que a perna dói, que nunca pode comprar um sapato decente e assim por diante.

- Hum! Mas o calo sempre me avisou sobre o tempo, é melhor que o Serviço de Meteorologia! Se vier chuva, ele dói, uma dorzinha fina, se for calor, ele lateja, e se for nublado, ele estufa. Até pensei em levar o calo no programa do Sílvio Santos, você se lembra?

- Grande coisa, Antônio. Ainda bem que veio a abertura e eu pude te pressionar até conseguir que você fosse ao médico!

Antônio sentou e começou alisar o calo em questão com os olhos cheios de amor.

- Tristeza! Consegui esse calo quando jogava pelo juvenil do América. Já tô sentindo até saudade do calo, sabia?

- O campo do América nem existe mais. Os tempos são outros, Antônio. E quer saber de uma coisa? Sempre detestei esse calo. Eu gostaria de ter um marido com o pé perfeito. Perfeito, entendeu?

- Ih! Ih! Agora é tarde, Eusébia! E fique sabendo que foi por causa do calo que eu consegui certificado militar de terceira e nós nos casamos.

- E perdeu a única oportunidade que você teve de seguir uma brilhante carreira militar. Os militares sempre estiveram por cima, coisa que os funcionários públicos nunca conseguiram.

- Chega, Eusébia. Chega! E tome nota: você não terá o prazer de ver a morte e nem o funeral de meu calo, não, Vou ao hospital sozinho!

Assim foi. Antônio se arrumou, tomou café, não deu uma palavra com Eusébia e foi para o hospital. Algo chateado, ansioso, pois afinal de contas havia vinte e dois anos de convivência diária com aquele calo feio, macerado, dure, mas, no fundo, adorável.

Antônio subia as escadas principais do hospital quando, maldito calo, a-dor-fininha-sinal-de-chuva começou. Foi a conta, Antônio tropeçou e caiu. Quebrou o calcanhar.

Uivando de dor, foi levado por dois atentos enfermeiros até a sala de raio-X. Colocado numa maca lá ficou esperando meia hora, quarenta minutos e, insuportável calcanhar, como não aparecia ninguém, resolveu, de

mansinho, se levantar e chamar alguém. E então aconteceu o pior - Antônio caiu da maca e se arreventou todo. Diagnóstico - fratura de bacia com estiramento parcial da coluna. Uma tragédia!

Antônio foi imobilizado (virou um boneco de gesso), após sofrer várias e terríveis trações na coluna. Sua família foi comunicada, seu médico, simples dermatologista, chamou uma equipe de ortopedistas para tratar do caso e nosso herói, todo esticado (e tracionado), foi internado no quarto 315.

- Doutor, a culpa foi minha! Fui eu que obriguei o Antônio a vir aqui.

- Calma, Dona Eusébia. Não chore, por favor. Seu marido vai para casa dentro de quinze dias.

- Quinze dias, doutor?!

- Dona Eusébia, foi o destino! Os ossos demoram um pouco para se consolidar. Tenha paciência. Ele está sendo muito bem tratado, os ortopedistas só usaram dezoito quilos de gesso.

Só!? (e chorou)

- O importante é que ele fique imóvel. Completamente imóvel.

E Eusébia foi uma esposa exemplar. Todo dia ela ia ao hospital levando papinhas, canjas, frutas e doces. Antônio se mantinha calado, uma fera. Preso a uma parafernália incrível composta de ferros, pesos, fios metálicos e gesso, ele às vezes resmungava ou murmurava alguma coisa. Quase sempre engasgava com o caldo quente, mas Eusébia não desistia. Queria, a todo custo, conquistar o marido. Ela sofria e, claro, ele sofria muito mais.

No décimo dia, Eusébia encontrou Antônio rosado e estranho. Seus olhos reviraram e ele, de repente, gritou:

- Eusébia, quero me divorciar de você, para me casar com um calo. Calo! Calo!

Depois, proferiu uma série de impropérios para a enfermeira que veio acudi-lo. Antônio estava desatinado. Delirava. Febre altíssima.

- D. Eusébia, venho lhe comunicar que seu marido pegou uma pneumonia.

- Doutor!? Como isto aconteceu?

- É porque ele está imóvel há muito tempo.

- Mas não foi o senhor mesmo que disse que ele não devia se mexer, doutor?

- Mas essas coisas acontecem, Dona Eusébia. Fique calma, por favor. Nós vamos chamar um pneumologista.

- Um, o quê? (e chorou)

- Um médico de pulmão!

E foi o médico de pulmão entrar para começar a desgraça. Primeiro, meteu um tubo goela abaixo de Antônio, depois, colocou-o no soro, deu uma série de injeções e comunicou à chorosa Eusébia.

- Dona Eusébia, infelizmente apareceu um novo problema.

- Outro!? Qual, doutor?

- Examinando o pulmão, notei que o coração de seu marido não anda nada bom. Tá trotando mais que cavalo no grande prêmio.

- E agora?

- Vamos chamar um cardiologista!

- Eu não quero ficar viúva, não! (e Eusébia chorou)

- Calma, Dona Eusébia. Tudo vai dar certo!

O cardiologista entrou como um tufão. Era efficientíssimo. Colocou o estetoscópio no peito, pescoço e barriga do Antônio. Ouviu tudo que tinha direito. Depois tirou a pressão, um eletrocardiograma e disse:

- Dona Eusébia, o seu marido não tem nada de coração.

Eusébia, já vestida de preto, pois esperava o pior, sorriu toda alegre.

- É mesmo, doutor? Que bom! Então não vai acontecer o pior?

- Pelo coração não! Mas pelo cérebro eu não dou certeza alguma. Chame um neurologista imediatamente! A propósito, os rins não estão funcionando bem. Aproveite e chame um nefrologista também.

E Eusébia chorou como nunca pensou que iria chorar. Empapou quatro lenços e tomou vários tranquilizantes, E berrou, e xingou, e chamou toda a família.

Antônio estava agonizante. A equipe médica confabulava em torno do leito. Enfermeiras engomadíssimas andavam e zuniam por toda parte. Máquinas, termômetros e aparelhos dançavam em torno de Antônio que dava os últimos suspiros. Eusébia, acabada, isolada, assistia a tudo com desespero e dor. Sentia-se culpada e pressentia sua existência sem Antônio, sem amor ou carinho.

Neste instante, um dos médicos se aproximou e Eusébia, num estalo, falou:

- Doutor, eu queria dar um último beijo nele. Um afago, um último adeus!

Todos os médicos concordaram de imediato e Eusébia se postou junto ao leito. Mas onde beijar? Se Antônio era uma massa de gases, tubos, gesso e fios. Eusébia olhou bem e achou um pé descoberto, a única parte possível de ser acariciada. Eusébia se curvou e viu, imaginem, o calo. Altivo, intacto e vivo. E, sem raiva ou vergonha, Eusébia beijou o calo do amado. E para surpresa de todos, o moribundo se mexeu.

Acreditem, no quarto beijo Antônio espirrou. E, de afago em afago no calo, Eusébia conseguiu o impossível - curar Antônio.

Enfim, Antônio voltou ao lar com o calo e eles viveram felizes para sempre.

Moral da História - O amor tem razões que até os médicos desconhecem.

## O MUNDO ENCANTADO DE UMA GORDA

Cecília entrou em casa e foi berrando pelo corredor:

- Arranjei uma dieta genial! Gênio! Agora vai ser tiro e queda!

Cecília era funcionária da União (não da papelaria, não, do Estado mesmo), emprego em que conseguiu efetivação nos idos dos sessenta (quer dizer, na década), e fazia o tipo agradável, prestativa e singela, apesar das crises de fúria "e ódio contra a humanidade (e até contra Deus, imagine!). Era considerada meiga tanto pelos colegas como pelos familiares.

Bonita dentro de suas formas inchadas, tímida atrás de fartos seios, trepidante pelas gordurinhas soltas e de compleição troncular portuguesa (ela tinha também uma obscura ascendência holandesa), Cecília era o que poderíamos chamar de gorda.

Gorda!?

"Uma vaca leiteira", de acordo com as palavras da sincera amiga Virgínia, também funcionária pública, quando esta cochichava, entre risinhos pelos corredores do ministério, o último apelido que tinha dado à Cecília. Fofoca que terminou em sururu, pois Cecília acabou, por línguas transversas, sabendo do apelido, teve uma minicrise de fúria, disse aos berros que faria uma plástica de busto e jogou um tinteiro (com tinta e tudo) na fachada da ex-sincera amiga.

Virgínia quase precisou de uma plástica, mas acabou no dentista mesmo, depois de constatar (consternada) que tinha perdido dois dentes.

"Uma santa, que é gorda por causa da geladeira", no pensamento da mãe velhinha e condescendente, que, por precaução, um dia colocou um cadeado na geladeira, o que levou sua filhinha, Cecília, numa crise de fúria e gula, às três da manhã, a tirar o fundo da geladeira e comer duas espigas de milho (cozidas), quatro ovos (cozidos), duas barras de chocolate, seis tomates (crus) e o resto do jantar, incluindo meio pernil.

"Uma desiludida no amor!", de acordo com a exclamação de sua tia solteirona, Bernadete, quando soube, cinco anos atrás, que Cecília tinha rompido o noivado de sete anos com o sargento da Aeronáutica, Sebastião Onofre. Cecília nunca mais namorou ninguém e passou a comer igual a um avestruz, isto é, tudo.

Enfim, Cecília era aquilo que todos nós esperamos de uma gorda: funcionária pública, solteirona e sem futuro.

Eu disse sem futuro?

Sim, seu futuro seria irremediavelmente (que palavra grande!) sem futuro, dizia eu, se não fosse essa derradeira, genial dieta que ela arranhou - a dieta macrobiótica do astronauta.

Cecília já tinha tentado o possível para saciar seu apetite - tomou tudo quanto era comprimido moderador do apetite, o que a deixava acordada noites a fio e ocasionava terríveis crises de apetite nas horas mais extemporâneas; fez todos os regimes imagináveis (do chinês - aquele que mandava comer tudo a pauzinho, proibia o uso de faca e da mão e era mais um exercício de habilidade manual do que um regime propriamente dito ao - transilvânico, que permitia somente a ingestão de produtos vermelho-sangue, tipo tomate, melancia, carne crua e pimentões, e que levou Cecília a comprar um quilo de anilina vermelha, e, obviamente, tingir qualquer alimento de vermelho e traçar devidamente o comestível, achando a dieta ótima); fez sauna turca, sueca, finlandesa e japonesa - aquela em que você é cozido num tacho de óleo de soja efervescente; fez massagem compressor, elástica e a rolo; foi ao endocrinologista, ao analista, terapeuta; e nada, ela continuava gorda, imensa e sonhando em ser magra.

Mas foi a dieta macrobiótica do astronauta chegar para tudo se transformar.

A dieta consistia no seguinte: água de agrião, arroz ou magnésia; arroz integral empapado, bolinho cozido de arroz integral, vegetais à vontade, frutas tropicais, europeias, asiáticas e escandinavas também à vontade, folhas secas, cruas, outonais ou frescas em profusão, um ovo e, o mais importante, espinafre seis vezes ao dia entre as refeições.

Cecília seguiu esse regime rigorosamente. Pela manhã, comia meio ovo cozido, dois litros de suco de agrião, nove pés de alface (pequeninos), alguns bolinhos de arroz integral e saía para trabalhar com incontáveis chumaços de agrião na bolsa. No almoço, comia de preferência frutas, assim: bifés de jaca, vários abacates ao vinagre, meio ovo cozido, mamões, melões e melancias. No jantar, comia a casca de um ovo cozido (quer dizer, ela comia um ovo inteiro ao dia como rezava a dieta - mas com casca e tudo) e bacias de arroz integral com folhas outonais. Na ceia, repetia o café da manhã. E antes de dormir - água de magnésia.

Acreditem, a dieta macrobiótica do astronauta foi um sucesso. Em duas semanas, Cecília engordou seis quilos e chegou ao seu máximo - 90 quilos.

Cecília entrou num estado depressivo triste de ver. Andava pelos cantos chorando e teve três derradeiras fúrias consecutivas, quando foi proibida de entrar no ministério, pois acharam que ela estava com hepatite. E hepatite pega, diziam.

É verdade, este foi o pior efeito do regime. Cecília adquiriu uma tonalidade de pele verde doentia que variava com o passar do dia. Assim sendo, pela manhã, ela acordava verde-alface, à tarde, ficava verde-musgo, e à noite, se cobria de um verde-marciano, difícil de se descrever de tão profundo que era.

Cecília ficou desesperada em sua obesidade. Agora, além de gorda, era verde. Todo mundo começou a chamá-la de Frankstein, o horror.

Cecília era evitada e passou a viver como um pária da sociedade. Um sufoco!

Somente sua mãe tentava inutilmente consolá-la; mas por ironia ou inocência a chamava de "flor". Cecília chorava copiosamente, pois se sentia uma flor abacate com o abacate e tudo.

Desolada, Cecília resolveu se suicidar em grande estilo. Comprou um biquíni, esperou um domingo de sol lancinante e foi para Copacabana, certa de morrer afogada numa cerimônia grotesca, inesquecível para a sociedade que a ridicularizava.

Cecília saltou do táxi (o motorista ajudou), tirou a saída de praia na calçada (o vendedor de Kibon pirou) e abriu alas na areia em direção ao mar.

Ela andava e o povo se afastava num misto de espanto, horror e riso. E foi assim que ela esbarrou com um turista americano magnata do cinema.

Ele olhou, gostou, fotografou, se aproximou e...

Enfim, Cecília atualmente é Hulka, em Hollywood. É tudo aquilo que nós nunca esperamos de uma gorda: artista de cinema, famosa, rica, com futuro e cheia de pretendentes árabes. Um encanto!

## ESSES ALUCINANTES TERMOS MÉDICOS

É através de “vias” que nós, os médicos, introduzimos os remédios, os antibióticos e os venenos para tratar ou matar nossos doentes. Assim sendo, esta página, com o intuito de esclarecer confundindo, sair do prumo e ser diferente, apresenta uma pequena resenha explicativa sobre algumas “vias” por vezes usadas em medicina (mas raramente identificáveis ou corretamente definidas). Afinal, convenhamos, doutores, sorriso também faz bem pro juízo.

Lá vai!

Via Aérea - É uma via muito usada pelos colegas psiquiatras e pelos psicanalistas. O paciente fica meio aéreo e o médico fala, fala e fala. Ele não examina nem toca no doente. Tudo é aéreo, abstrato e caríssimo.

Via Duto - É referente a um tal de ducto torácico que carrega a linfa pelo corpo. Na prática, esse canal vive obstruído e racha com facilidade (vide viadutos do Rio). A linfa vive engarrafada como os automóveis e chega sempre atrasada. O fluxo linfático não é enfático, é lento.

Via Férrea - Tá na cara! É a usada em pacientes suburbanos. Eles só levam ferro.

Via (de) Dúvidas - Em caso de dúvida, não use essa via. É duvidosa! É arriscada! Fique na retranca e não chame nem o sindicato. Consulte seu horóscopo antes de qualquer decisão.

Via Oral - Foi descoberta por Freud em 1879. Estamos, portanto, em pleno centenário desta espetacular descoberta! Antigamente era chamada de boca mesmo, mas Freud, muito vivo, rebatizou o orifício. Deu assim, para a felicidade dos dentistas, um sentido psicológico às cáries.

Via Oletas - Não existe tal via. Ver dicionário de Botânica.

Via (de) Regra - É aquela que sempre admite uma exceção. Ela chega atrasada, adiantada, abundante, escassa, dolorosa, inoportuna e, às vezes, não chega, para desgraça do namorado e felicidade do obstetra.

Via (de) Fato - Duplo sentido. É usada pelo médico legista. Daí a expressão: chegar às vias de fato. Quer dizer, morreu. Também quando o colega da Baixada Fluminense erra o diagnóstico, o paciente pode chegar às vias de fato. Isto é - dá-lhe cacete.

Via Fluvial - É usada pelos médicos da selva amazônica, pois nunca vi por aqui nenhum médico andar e dar consulta de barquinho pelo Mangue. Não é cidadina.

Via Gem - É genética. Dizem que os gens masculinos fazem uma tremenda e prazerosa “viagem” para encontrar os femininos. Não confundir com vagem!

Via Sacra - É a via usada pelos usuários das filas do INPS. Normalmente o sofrimento dura sete horas. Alguns pacientes se açoitam. E quase sempre berram em coro: Ai, meu sacro! Ai, meu sacro!

Via Láctea - Triplo sentido. Diz-se que o paciente vai para a via láctea toda vez que ele recebe uma paulada na cabeça (expressão neurológica: ver estrelas). Também se diz, que até hoje nós estamos vendo estrelas com essa história do dissídio coletivo (expressão popular: Se subiu, ninguém viu). E terceiro, é referente ao leite do peito materno (lácteo). Porém tem muito barbado que se mete onde não é chamado. Quando isto acontece fala-se em “regressão”.

Via Vaginal - Os bebês nascem por ai. Neste caso, é chamado parto normal. Bem... essa via tem outras funções bem mais agradáveis. Observação: Por favor, não existe parto anal.

Via Urinária - Nos homens esse caminho é mais longo. As vezes, longuíssimo. Meça com uma régua. E fuja quando ouvir a palavra “sonda”.

Via Retal - Na verdade é tortuosa. Dói. Por essa via se introduz o supositório, o clister, o enema, a lavagem... etc. E, acreditem, até termômetros!

Via Pública - É antiético chamar o público para o consultório, mas alguns colegas fazem isto. Nem sempre discretamente, é claro! (vide médicos do soçaito). Também, muitos médicos esquecem que público é gente, para infelicidade de todos nós.

Via Brônquica - Os pacientes dão a maior bronca quando se usa essa via. A propósito, deve ser incomodo pacas.

Via Subcutânea - Ninguém sabe direito quando usar essa via. Foi inventada por um dermatologista (eles não têm muito o que inventar, não) suíço que se queimou com um archote em 1610, e, como não tinha mais pele, toda vez que passava creme Nívea em sua carne viva, dizia que era no subcutâneo. Ele era gago e adorava hífens.

Via Venosa - Não é venenosa. Não confundir com aveia, planta da família das gramíneas muito usada para alimentar gado, aves e cavalo de milico. De acordo com o filólogo Millôr Fernandes, os quakers foram os primeiros humanos a experimentar talo de aveia ("Avena Sativa"), daí saindo as expressões: "ficar taludo", "ficar talado", e "ficar talúrico" (menos usada). Os quakers eram fortes (taludos), peludos (talados) e burros (talúricos).

## VERÃO TIJUCANO

- Quem falou que na Tijuca não tem praia?! (disse ele, tijucano doente.)
- Eu (disse eu, sabendo que ele estava abusando da geografia).
- Ah! Você não entende nada de Tijuca, meu velho. E a Barra da Tijuca? (disse ele, apelando).
- Espera aí, companheiro. Barra da Tijuca é outro bairro, ou não é? (disse eu, convicto de que estava conversando com um bairrista.)
- Engano seu! A Tijuca vai do Largo da Segunda-Feira ao Recreio dos Bandeirantes (disse ele, no mínimo, megalomaniaco).
- O quê? (disse eu, estarecido).
- Quer dizer, no princípio da Tijuca, não é? A Tijuca cresceu tanto que foi dividida em Tijuca e Barra. Agora, no princípio, nós tínhamos mar (disse ele, na maior desfaçatez).
- Princípio de quê, companheiro? A Tijuca nunca teve mar nenhum, só se você regredir até a era glacial! (disse eu, estupefato.)
- Não interessa. Que seja! No princípio, a Tijuca tinha mar, mas depois acabou optando pelas montanhas, chácaras, aristocracia e o verde (disse ele, delirando).
- Verde!? Aonde? A Tijuca não tem mar, nem verde. A última árvore da Saenz Peña caiu no metrô. Vocês têm é cimento e sofrem fundo com o verão (disse eu, discursivo).
- Vê lá como fala, rapaz! A Tijuca tem praças maravilhosas e clubes impecáveis, entendeu? (disse ele, me odiando).
- "Querias". Tinha. O América virou paliteiro do Sérgio Dourado, as praças sucumbiram metrô adentro, o Tijuca Tênis Clube ficou tão caro que não se paga mais luvas para ser sócio e sim ternos, e o Vila Isabel... (dizia eu, até ser interrompido).
- O Vila!? Vila Isabel é outro bairro. É Zona Norte! (disse ele, cheio de preconceitos).
- Como? (disse eu, como se minha bússola tivesse enlouquecido).
- A Tijuca não é nem Zona Sul, nem Norte. É Tijuca! (disse ele, como se morasse no Principado de Mônaco).
- Concordo, concordo! Como concluiu o Aldir Blane, "Tijuca não é estado de espírito, não; é estado de sítio mesmo" (disse eu, com ar *blasé*).
- O Aldir Blanc é tão traidor como você. Ambos foram tijucanos e agora cospem no prato que comeram (disse ele, fulminante).
- Ninguém é traidor de nada, não. Somos sim, realistas. A gente simplesmente torce para o tijucano ficar mais carioca e menos mineiro. E que o Otto Lata Resende me desculpe! (disse eu, desabafando).
- Você acha mesmo a gente parecido com os mineiros? (disse ele, recuando).
- Acho. Afinal de contas, aqui não tem mar, igual a Minas. E se não fosse o túnel, vocês não tinham como se refrescar no verão! (disse eu, nos finalmentes).
- O quê? A gente não é parecido com ninguém, não. Em primeiro lugar, aqui não tem Francelino nenhum; e em segundo, se não fosse o túnel, a gente continuaria a se refrescar como sempre fez - à mangueira (terminou ele, bem tijucano ou mineiro).

## O HOMEM QUE PERDEU O HUMOR

Uma estranha doença acometeu Sérgio durante a noite - ele perdeu o humor.

Acordou e não ouviu o passarinho cantar, não deu bom-dia para o belo dia, não futucou sua companheira e nem flutuou pelas ondas de preguiça que invadem nosso acordar. Acordou aborrecido. Por quê?

Depois, deixou queimar as torradas na torradeira, tropeçou no fio do telefone, esbarrou em dois vasos, tomou café sem açúcar, deu um pontapé no gato Chuá e saiu. Deixou-se levar pela vida sem sentir. Com ódio.

No ônibus, sentiu-se mal. Brigou com o trocador, empurrou uma velhinha e não captou a atividade da cidade que corria macia através dos vidros do coletivo. Não olhou para o mar, suas ondas e cores.

Sem saber por que errou em todos os relatórios pelo menos três vezes, esqueceu de bater o ponto e ainda, malfadado dia, se envolveu numa sinistra discussão com o chefe. Foi despedido.

Na tarde, sol não fez. E sim chuva fina, tipo inglesa, e, óbvio, Sérgio escorregou no meio-fio. Praguejou. Reclamou do azar, do movimento e do mundo. Não notou sua própria doença. E pelo tombo, passou a capengar dentro do terno rasgado.

O pôr do sol aconteceu em vermelho, lilás, azul e roxo. Também em tom de amarelo. Mas ele estava brigado com a natureza e assim ficou. Um arco-íris rasgou o céu antes do anoitecer.

Em casa, não deu uma palavra. Descobriu que a TV estava quebrada, que tinha fígado para o jantar (ele detestava fígado) e que a cerveja estava choca. Acabou cochilando após o enjoado jantar, com uma mosca inquieta zunindo sobre sua cabeça. Teve pesadelos.

No dormir não se pensa? Mentira ou verdade? Sei lá!? Só sei que Sérgio num dormir-pensar, numa modorra zunida, achou a fonte dos seus males. Qual? Um uísque nacional, desgraçado, tragado aos litros na noite passada entre risadas e brindes numa festa de batizado. O caso de Sérgio era ressaca pura. Das brabas.

No dia seguinte, Sérgio recuperou o humor, emprego e felicidade. Recuperou o amor.

Moral a Escolher - Ressaca faz mal ao humor, que faz mal ao amor. *(ou)* Não beba em festa de batizado que Deus do Céu castiga. *(ou)* Uísque nacional é fogo! *(ou)* O fígado faz mal à bebida (frase de Millôr).

## HADA E O H

*Hada* contou ao médico a seguinte história:

Que ela se achava, acima de tudo, uma mulher muito *hábil*. Que o mau *hálito* era seu problema. Ela habitava à Rua *Harmônica Havana*, nº 20, próximo ao *haras* do hipódromo da Gávea. Suas filhas se chamavam *hierarquicamente* de: *Harnica*, *Herna* e *Heusébia*. Todos na família falaram *hebraico*, pois o marido era um *hebreu* que vivia com *hiperacidez*. (A propósito, havia um tio haitiano que morava com eles).

Seu *homem*, era assim que ela chamava o marido, praticava *halteres* e uma das filhas, ninguém sabe bem por quê, tinha tentado o *haraquiri*. De uns tempos para cá, ela começou a sonhar com *helicópteros*, *hélices* e *hastes* - o que foi um *horror*. Parecia até *hipnotizada*. Tinha medo de ficar *hipertensa* ou até mesmo *hemiplégica*. Começou a ouvir *hinos*. Passou a ser *hostil* com os *hóspedes* (eles tinham um *hotel*), e pensou em se internar num *hospício*.

Um dia ela estava *histérica*, a ponto de tomar um chá de *hortelã* ou iniciar um tratamento *homeopático*, quando um *holandês* *historiador* (um *hóspede* *honesto* e *hirsuto*) começou com um *papo* *hipócrito*, *hediondo* e *hiperbólico*. Ela, *hipersensível*, não teve dúvidas - pegou um *holofote* e jogou na cabeça do *homenzarrão*. O *hematoma* foi imediato. Muito *humilhado*, o *holandês* tentou levantar, deu um *hurra*, xingou a *humanidade* e se sentiu ferido em sua *hombridade*. Neste instante, *Hada* hesitou e *escorregou*. O *holandês* riu feito uma *hiena* e nossa *heroína*, mesmo sabendo que seu *horóscopo* não era bom, arrematou com um *hipopótamo* de porcelana na região *hepática* do *holandês*. Ali mesmo a *hora fatal* se fez presente. O *hóspede* *hurrou* e morreu. Não chegando nem a ser *hospitalizado*.

E foi assim, disse *Hada*, que eu cometi um *homicídio*.

O médico escutou tudo com paciência e depois escreveu na ficha da paciente do pavilhão psiquiátrico: *Hada* continua muito doente, *hermética* e com tendências *hipocondríacas*.

Moral sem Escolha - Existem loucuras tristes com *Humor*.

## A HISTÓRIA DA PESTANA

A pergunta é feita por toda a comunidade medicocientífica internacional: “Para que serve a pestana?” E ninguém responde a essa pergunta tão simples.

É para evitar o cisco no olho, dizem uns. É para chamar o namorado, dizem outros. Mas a verdade é que médico nenhum sabe para que serve esse cabelinho.

Se formos procurar na Antiguidade, veremos que Adão e Eva saíram do Paraíso já portando pestanas. Um assombro, vocês não acham?

De lá para cá a pestana passou por várias fases e civilizações, a saber:

- 1) As egípcias passavam repelente nas pestanas para espantar mosquitos (fase inseticida).
- 2) No princípio da civilização grega, a pestana era sagrada (seita Cílios de Milos).

Se caísse uma pestana da sacerdotisa, era desgraça na certa, se nascesse alguma, bom agouro. Pois bem, a sacerdotisa pegou pelagra e foi um desastre total. Foi tanto horror que até a lenda acabou. E os gregos, umas feras de tanto azar, acabaram arrancando os olhos, pálpebras, pestanas e tudo mais da sacerdotisa. A pobrezinha perdeu o emprego e acabou virando deusa da Justiça que é, como vocês sabem, até hoje, completamente cega (fase mística).

3) As turcas. Ah! As turcas tinham o estranho hábito de fazer trancinhas com as pestanas. O que era (além de muito doloroso), antiestético, cafona e nunca agradou a homem nenhum. As turcas, por causa dessa mania, quebraram o equilíbrio capilar de seus organismos. Devido à tração cilial, houve nascimento indiscriminado de cabelos e fez das turcas as mulheres mais cabeludas do planeta. Uma vergonha! (fase turco-capilar),

4) Na Arábia, os homens comiam as pestanas da mulher amada embebidas em mel, em sinal de amor e respeito. Alguns mais afoitos comiam a cabeleira inteira de sua musa, o que levou o Alcorão (livro sagrado islâmico) a proibir esta prática. Também vários árabes morreram entalados (fase goma arábica).

5) As índias tupis tinham por tradição piscar as pestanas toda vez que ficavam ansiosas. Daí o expansionismo português pelo território nacional (fase cílio-patriótica).

Taí, tudo explicado!

Moral - Na história não há moral!

Estes seis contos foram publicados no livro *Sangue, papéis e lágrimas*, Editora Codecri, 1979

## CARTA ANÃO

Eu sou um anão. Bem, acho que já defini várias coisas. Problemas na escola, idas ao médico, infância difícil e mil situações que se vive com anão. Além deste lado, diríamos, atípico (linguagem econômica) sou dotado de um fascínio esplendoroso pelo extraordinário. Pateticamente me sinto um extraordinário, um diferente. E minha existência, parte selada pelo tamanho e parte guardada pela vontade do extraordinário é passada anamente.

Olhem, todos podem imaginar como é a vida de um anão. Mas não sonhem muito, pois não sou de circo. Não sou pobre. E a bem-dizer, também não sou rico. Nem ainda me apaixonei por uma anã. Também, não trabalho na televisão e vivo às custas de uma pensão maluca, É só, vida de anão e nada mais. De uma classe média. De um anão silencioso.

Agora vamos falar de algo que me incomoda muito: a inveja. Sobre a inveja que tenho dos paralíticos jogadores de basquete, dos cegos-médicos (dizem que tem um otorrinolaringologista na França) e das tetraplégicas ventríloquas. De todos os mutilados com sucesso. Comenta-se até que o imperador do Japão é a maior autoridade em botânica marinha. Como coloquei a Augusta criatura em tão doente classe? Explico: o pobrezinho nasceu imperador. Nasceu com esta carga. Nasceu com um defeito físico, selado como eu em meu tamanho. Nasceu um diferente. Um extraordinário. Nasceu um coroadado. Nasceu... Desculpem, mas me tumultuei em meus pensamentos. Abusei da minha loucura e me atolei na nobre figura, filha de Deuses. Perdão. Retiro o Imperador. A evidência de minha natureza megalomaniaca me envergonha. Mas isto vocês poderiam imaginar, não é? Quando disse que todos poderiam ter uma ideia de como é a vida de um anão, este aspecto estava incluso. Todo anão é um megalomaniaco, para quem não sabia.

Bem, voltando à inveja, acrescento que estas pessoas marcadas pelo esperma maneta são o meu mundo. Sendo leitor da revista "Novas Fronteiras", acompanho, entre risadas e ondas de inveja, a vida clamorosa dos meus irmãos de infortúnio. Esta revista, lançada por um centro de recuperação em pool mundial, é a maior publicação no gênero. E anuncia, como se fosse novidade, um novo planeta para os impossibilitados. Nem vamos falar sobre isto. Mas como não podia deixar de ser, foi fundada na América por uma solteirona caolha que tinha quatro irmãos (dois homens e duas mulheres), respectivamente, uni, bi, tri e tetraplégico. Fantasio que a santa criatura segurava o sabão de coco entre as coxas enquanto banhava os queridos irmãozinhos. E que, entre urros de prazer, teve a ideia de fundar um clube. Um clube do otimismo qualquer. Uma liga. Depois construiu uma escola e seguidamente uma clínica, um hospital e uma revista. Atualmente ela é a presidenta (os irmãos morreram) de uma grande fundação que, mesmo sem fins lucrativos, envolve milhões de dólares, patrocina vários centros de reabilitação, possui associados em todos os continentes e rege vários negócios. Enfim, é um mini-Vaticano.

E, a minha inveja se manifesta quando leio as realizações fabulosas e recheadas de fama feitas pelos impossibilitados. E então, concluo que sou um medíocre. Um pequeno. Um mínimo. Que não sou um anão notável. Reafirmo que nunca me apresentei em público, nunca fiz nada colunável e tenho consciência de que sou um serzinho comum. Até esta carta seria esquecida, se não fosse o fato de ser uma carta de despedida suicida. Olhem, pensando bem, carta de suicida não é lá estas coisas (a morte anda muito desvalorizada atualmente), mas carta de suicida anão até que é original.

Convenhamos, estatisticamente pelo menos. As chances são íntimas. E os premiados com tamanha discrepância são vocês. Mãos à obra para saber como sucumbirei.

Em primeiro lugar é de praxe relatar detalhadamente fatos e angústias que levam a tão impensado ato. Baboseira, Resumindo, não é fácil ser anglo e, aviso, não é ato transloucado. Sou eu, e mais ninguém, que não gosto de me ver assim, Não suporte, Existe uma vontade permanente de sumir e já morro lentamente num absurdo existencial, Existir como anão é insignificante. Bom mesmo é ser gigante. E acho que vou parar por aqui. De novo não vou relatar minhas angústias sexuais, minhas dificuldades diárias e me perder em detalhes da minha anatomia. Não insistam. Já não quero fazer de minha vida nada de exuberante. Quero, sim, é fazer de minha morte algo conhecido. E se estão interessados na vida de anão, azar de vocês. Estão lendo a carta errada. Procurem outros anões e pesquisem.

Existem várias publicações a respeito, tanto médicas como antropológicas. Eu estou mais interessado no ato de morrer em si.

Passemos à parte magna da carta: a escolha do método de morte.

Em princípio, pensei em morrer como vivi e nasci, isto é, como um anão. Mas, infelizmente, não sei como esta teoria poderia ser aplicada ao meu caso. Explicando melhor, exemplifico: Um judeu deveria, usando este critério, castrar-se e deixar-se sangrar até a fina morte anêmica. Estaria assim, dentro deste comportamento, cumprindo os cânones circuncizantes sionistas. Uma baiana, outro exemplo, deveria se degolar com uma navalha. Evidente, "não é? Até aí tudo razoável, mas e um anão? Deveria morrer encumprido ou mais encurtado? Dúvida atroz! Serei tracionado pelo elevador social ou comprimido num forno à la Hitchcock? Juro que não concluí nada.

Pensei em usar um tipo de enforcamento abdominal que já vi num livro de medicina legal. Mas, é claro, estaria longe de ser curioso. Já tendo sido publicado e até descrito como uma necessidade regressiva de possuir cordão umbilical, desprezei-o. Convencionalmente encontrei outros métodos, mas, francamente, eram muito dolorosos. Poderia, num acesso, tapar meu anus com "um bolo de goma de mascar, de tal modo a perder a capacidade de evacuar, vindo a morrer peritonicamente, explodindo em merda. Ou descendo araldite via uretra abaixo, para desaparecer em aguda uremia. Ou enchendo uma banheira de vômito a fim de me afogar na própria matéria. Não, não vou morrer afogado. Nunca envenenado. Não vou morrer pela boca, pelo anus ou pela uretra. Desisti desta linha.

Sabem, eu nunca pensei que fosse difícil morrer. Digo, morrer especialmente. Uma morte especial pára anão. Intrigante, misteriosa e passional. Uma morte que só anão pode ter, mais ninguém. Uma morte de circo. Por merecimento, uma morte exibida. Já tenho certeza porém que morrerei pelado, em pé e de olhos abertos. Vou assistir à minha obra. Devo morrer em público? Devo me atirar de um lugar bem alto? Não, é tudo muito prosaico. Poderei, é claro, me empalar num mastro patriótico qualquer. Ou morrer como o povão, de pingente num trem. Mas convenhamos, até agora, nada é excepcional. Ainda tenho que pensar.

A estas alturas, mais que provável, vocês estão achando que estou me cagando e que não vou me matar coisa nenhuma. Pois erraram. Acabei de inventar um método suicida. Só meu. Nunca antes visto. E cientificamente irreversível, podendo ser usado no futuro por qualquer um. Vou me parar.

E, vou me parar, parar internamente. O nome do quadro circense (alusão à condição anã) será "A grande parada". Vou me atar com elásticos, vários elásticos, por todo o corpo. Vou estancar toda a circulação e deixar o coração bater em seco. Vou morrer totalmente Coagulado. Entupido. Explodindo para dentro. Morrerei de implosão. Artisticamente roxo e inchado. Crescido. Aumentado e parado. Como gigante adormecido. Usando o subjetivo de minha morte, a parada, mostro o objetivo de minha vida: crescer.

A ideia foi aceita.

Dedico essa morte aos seres talidomidas, Aos seres irremediavelmente parados e impossibilitados de andar. Aos meus companheiros.

Cordialmente

O anão.

### **Descoberto novo hormônio do crescimento**

(Ottawa) - Acaba de ser descoberto pela Faculdade de Medicina da Universidade de Ottawa um novo "hormônio" do crescimento.

As pesquisas, desenvolvidas pelos laboratórios de Química Orgânica do referido estabelecimento, duraram seis anos e os resultados parecem promissores.

De acordo com o Dr. Harvey Harley a nova droga, "Diteratirato-hemadina", é um potente anticoagulante que, destruindo os coágulos, desobstrui os vasos capilares, promove o livre acesso do sangue às células e facilita a alimentação celular - induzindo, por conseguinte, ao crescimento.

As pesquisas continuam em nível experimental. Espera-se que sejam, em muito pouco tempo, esclarecidas todas as implicações nocivas e terapêuticas da droga. Vários laboratórios já se encontram interessados em produzi-la comercialmente.

## UM TESTAMENTO

Eu, 48 anos, sexo masculino, pardo, nascido e criado na Zona da Mata, nordestino, baixo, pobre, pouco alfabetizado, viúvo, torcedor do Clube Itambá, usando dentadura de macaxeira, quatro filhos vivos, quatro filhos mortos, imigrante, portador de ascaridíase, esquistossomose crônica e estável, fimose, amarelão, perebas variadas pelo corpo, da carteira de identidade no 2475964 (IFP), da carteira de trabalho no U/T/U5079742864, da inscrição no Serviço de Previdência no 7204, com quatro entradas no Serviço de Caça mendigos, duas no Serviço de Erradicação da Esquistossomose por reinfeção, tendo moderada deficiência mental por subnutrição infantil, residindo num quarto no subsolo da Lixeira central da garagem do Edifício Esmeralda, à Rua Conde do Médio-fim no 237, na Tijuca, Estado do Rio de Janeiro, onde trabalho na condição de assistente de porteiro e lavador de carros, venho através deste, sacramentar, com bênção do padre Cícero e do Abuê, meu testamento.

O mesmo deverá ficar, após lavrado, em posse do meu amigo e ex-patrão, o trabalhador Altair Santos, 47 anos, branco, sulista, casado, três filhos vivos, torcedor fanático do Corinthians, pé-de-cabra, peludo, alto, duas cicatrizes de faca, sempre cheirando a gordura, dois dentes de ouro, uma tatuagem na perna, ex-marinheiro, alfabetizado, portador de amebíase, chato, distensão muscular, da carteira de motorista no A/L/C5747800, da do Fundo de Garantia nº 80.072, da Associação Esportiva Varguinhas nº 704, com quatro entradas na Polícia por embriagues e briga, duas no Pronto-Socorro por acidente de trabalho, residindo à rua Santo Bella, nº 413/Quadra K, no bairro de Vila Matilde, no Estado do Rio de Janeiro, sendo, a três quadras dali, sócio do botequim e venda São Jorge, cuja medalha carrega no peito e onde deverá ficar guardado esse testamento.

O testamento, escondido atrás da privada, será entregue para um dos meus herdeiros após o recolhimento do meu corpo no Instituto Médico Legal.

Ficam assim distribuídos os meus bens materiais: Para a minha filha Anita, 26 anos, sexo feminino, parda, estatura média, solteira, empregada doméstica, com quinze horas de trabalho diário, morando no local do batente, à rua São Francisco Xavier nº 637, no quarto do basculhante do apartamento 102, na Tijuca, Estado do Rio de Janeiro, possuidora de uma peruca Filipana, lilás, tipo "black-power", duas correntinhas de ouro, um Santo Antônio de cabeceira, quatro pares de brincos de plástico, dois frascos de esmalte cor-de-rosa acetinado, um vidro de fragrância de violeta, leitora da revista "Sempre Ternura" da Editora Mundo Quadrado, capricorniana, portadora de um rádio Philco a pilhas, comprado a crédito, de inscrição TPK/1004 624/69 do Serviço de Proteção à Indústria Leve, de monilíase, com três abortos no bucho, quatro unhas encravadas, torcedora e sambista da Escola de Samba Unidos de Vila Isabel e sendo encontrada, todo domingo à noite, atrás do muro da Igreja Nossa Senhora de Toda a Justiça, onde tem coito intercursal e, eventualmente vaginal; deixo o peido que cheirei cheiroso dentro do elevador Schindler.

O peido, dado por paga, era propriedade de Dona Léa Saltzmang, 52 anos, sexo feminino, branca, judia, casada com o industrial Israel Saltzmang, Um casal de filhos, gorda, patroa, enérgica, educadora dos descendentes, lábio fino, com bunda grande, odor corporal azedo, coxa com celulite, portadora da carteira nº BA/1602 do Clube Sionista Monte Jerusalém, submetida a uma perineoplastia e a duas evacuações cirúrgicas de tumores benignos mamários, moradora à Rua do Médio-Fim no 237, aptº 701, frente, Tijuca, Estado do Rio de Janeiro, possuidora de vários candelabros esquisitos e estrelas deformadas, em ouro e prata, de duas televisões coloridas., estando uma quebrada, de uma balança de quarto, de quatro vestidos longos, de uma aliança de brilhantes, já tendo viajado para o Oriente Médio por duas vezes, sendo, apesar de tudo, cabo eleitoral do deputado da Arena Levi Biwzkysack, e tendo Um gás natural igualzinho ao meu.

O peido, que dado com alarde e sem sutilezas, foi gorjeta de serviço. O peido, que me foi dado de coração e foi mérito de um esforço.

Lembro-me bem do dia em que carreguei cansado a feira para o elevador, enquanto ela, atrás dos óculos escuros, segurava a porta. Então, entramos; e, na altura do terceiro andar, ela me deu o som, que guardo comigo até hoje. Um som que saiu quentinho, vaporoso e conhecido, por entre as pregas da bermuda listrada, e que, batendo certo na parede de fórmica foi aspirado por mim. Explicado por ela como sendo o "turras" falante. Gargalhado. E molhando a garganta, mas não tossindo, subiu. Lembrando ovo podre com coalhada passada. E desde então foi guardado para você. Sendo agora todo seu - de sua propriedade e risco.

Tenha cuidado, minha filha. Por favor, é fruto de trabalho.

Para o meu filho Severino, 17 anos, pardo, baixo, pele seca, magro, fumante dos cigarros Continental, caolho, solteiro, nível de educação primária, servente de obra, comedor de merda, morador no empreendimento onde dorme errado em cama pouca, à Avenida Nova América nº 2, Nova Ipanema, Barra da Tijuca, no Estado do Rio de Janeiro, portador do cartão de Loteria Esportiva nº FRU/2.374.593.731, de um pente, de uma roupa de domingo, de um tico-tico, de um pote de brilhantina, de um andar solto a 20 metros do solo, de um pedaço de papel acimentado para limpar o cu, de uma ferida infectada na perna, de um relógio quebrado, de um tesão, de meias com os colegas e de duas gonorreias arranjadas na ribeira, deixo uma punheta.

Uma punheta gozada e vivida atrás do incinerador geral do edifício onde resido. Uma, punheta dada e batida sem ser pedida, ato e delicadeza da mão do garoto Paulo Maurício. Da mão que recordo, fina, sedosa, franzina, atenta, de onze anos de idade, católica, masculinãzinha, solteira, branca, filha do advogado Moacyr Pereira Gato, de unhas bem aparadas, moradora à Rua Conde de Médio-Fim nº 237 aptº 401, frente, na Tijuca, Estado do Rio de Janeiro, portadora de uma pulseira de ouro, de um conjunto de canetas Parker de prata, de uma fantasia de pirata, de um banco imobiliário, de três gripes fortíssimas, de quatorze pares de meias, de um diário, da inscrição nº 634/6a/série do Colégio Santo Sepulcro, dos quatro tipos de loção Johnson and Johnson, de várias vacinas, de um gravador, de uma bicicleta roxa e que me chamou doce para o canto escuro dizendo-se presa. Que foi atendida. Que me fez correr por sentir-se descuidado. Que me fez constatar mentira. Que me fez ordenar saída e ser ordenado a ficar. Que ameaçou. Que inventou sedução, abuso de menores e queixa patricida. Que me fez arrefecer. Que me convidou a abrir a braguilha e tirar a geba para fora. Que me fez ver mole e encolhido. A mão que bateu, brincou e segurou. Que suspirou. Que bateu a punheta demorada. E que não deixou haver leite quente. Mas deixou sim, uma sensação guardada e nunca arrependida de ter-se trabalhado duro para se dar prazer. Prazer ao alheio.

A punheta é sua, Severino.

Para o meu filho Beto, eu deixo o gosto de um chiclete de bola. Um gosto doce que depois perde sentido, enjoa e mela tudo. Um gosto com sabor de hortelã Adams, em papel laminado, embalado por cima em caixinha tricolor esbranquiçada, azulada e avermelhada, com n.º de registro industrial LLCCDM/N.º 25.888, com CGC n.º 74.342.000/0025, contendo xarope de glicose e pasta de caramelo aromatizado, sendo fabricado por uma subsidiária autorizada pela matriz, tendo marca registrada e o peso líquido de 5,5 g.

Esse gosto e o chiclete, cuspidos pela total incapacidade minha de fazer bolas, são seus. Use deles quantas vezes quiser. Foi presente de Papai Noel e me lembrei de você quando os ganhei. Quando os achei no banco traseiro do Opala Azul metálico. Eles, esperando pela flanela. O carro, aguardando a proprietária família Rodrigues Dimas. Uma família branca, morena, grande, gorda, comilona, católica não praticante, libanesa, pançuda, indiscreta, invejosa, interesseira, bajuladora, comerciante, moradora à Rua Conde de Médio-Fim nº 237, aptº 801, frente, e que naquele instante comia a sua gordurosa ceia de Natal. Devorava. Enquanto eu, raspando o amarelo no preto, pensava em você.

Revivia.

Pensava em seus nove anos, em sua cor parda, em sua barriga inchada, em seu pé torto, em sua pelagra, em sua bola de meia, em seu pulmão atacado, em seu joelho doente, em seu olhar envergonhado, em seu Natal sem chiclete, em seus dentes cariados e no barraco em que descansa em companhia da nossa tia Alcinda, aí na Zona da Mata.

Esse é o seu legado, meu filho.

Para o meu filho Gabriel, nome de santo, garoto criado na roda, 25 anos, sexo masculino, mais tiziu que os outros, leve, liso, livre, fino, lustroso, lépido, rápido, larápico, porreta, pecador, punquista, puxador, rufião, cachaceiro, capoeirista, sambista, ponta esquerda, aporrinhador, cabeça de Omulu, portador da folha-corrída nº 5.777909/14ª/15ª/23ª/DP's, de um cano curto, de mãos grandes, de uma hérnia escrotal muito apreciada, de uma Amélia, de uma Joana, de uma Maria, de algumas bocetas largas semanais, de outros cus permeáveis, de vários assaltos à mão armada, de quatro mortes nas costas, de uma diarreia crônica, de um soco inglês, um tubo de vaselina, de um baseado, de uma lista de bicho, de um bafo fedido, de duas costelas quebradas, de uma orelha decepada, também conhecido como Gambá, ou Gagá, ou Briel, ou Brinde, ou Simbá, com quatro amigos na Polícia, ex-morador do Presídio Frei Caneca, à rua Frei Caneca do número 1 ao 2001 e tendo, atualmente, paradeiro desconhecido; deixo a memória de ter tido um canivete vermelho.

Este, um jogo de aço bem temperado, todo galalite, em ambos os lados, faceiro esmerilhado, de caída fácil no meio do bolso, bem desenhado, contendo um garfo, uma colher, duas lâminas prateadas, um saca-

rolhas, um furador, um abridor de latas, um estilete e uma chave de parafusos, me foi tirado pelo PM da ronda. Pelo PM da batida, da batida de limão, da batida inesperada e da batida de carro. Foi levado à revelia. Sumido por ser perigoso, indecente, ameaçador, estridente, contundente, separador, divisor, futricador, apertador, comedor, justiceiro e afiado. Desaparecido entre a noite e o dia em que o consegui. Evaporado por ter sido presente sincero, coisa nunca vista, de um enfermeiro uniformizado, cabra batizado, benzido, que me viu aflito, que me viu em seu lugar e que me viu envergonhado. Terminado como o dia em que ajudando o honesto enfermeiro, entre a cadeira e a escada, recebi sozinho a sopa verde do velho de veia dura: cheio de manias, de acordo com a filha, imprestável e sugador, pelas palavras do genro, um peso e uma vergonha, na opinião do neto, um arteriosclerótico, no pensamento do médico, e um chato, pela intransigência do vizinho da frente. E voado como o vômito que apanhei sozinho do Sr. Jarbas Melo Taguibe, 78 anos, doente, sexo masculino, no momento da remoção, viúvo, mineiro, aposentado, careca, brocha, gordo, mole, branco, rugoso, boa índole, tranquilo, espírito sereno, conversador, pitador, asmático, miope, mijão, prostático, simples, torcedor do Bangu, tossidor, bambo, trêmulo, pescador, querido do jornalista, biribento, coronariano; ex-funcionário dos Correios e Telégrafos, morador à casa do genro, à rua Conde do Médio-Fim, 273, aptº 602, fundos, Tijuca, Estado do Rio de Janeiro, portador da carteira, de pensionista nº A/C 1.200/54.321, de uma cova junto à falecida e recolhendo seus vencimentos toda primeira sexta-feira na Agência Saens Peña do Banco do Brasil.

Esta memória é toda sua, meu anjo Gabriel, e com ela encerro a partilha.

Para finalizar, faço tradição, desejando e pedindo encarecido ser enterrado com o paletó de meu uniforme de gala, aquele usado quando cubro o Armando, o porteiro, nos salamaleques obrigatórios e cordiais nunca correspondidos da portaria social. O resto de minha roupa, inclusive o paletó verde, antigo, sujo de Brasso, amarelado, puído e lei no tempo da Dona Amância Brasil, ex-síndica, 45 anos, branca, olhos pretos, católica praticante, casada com um dentista da Armada, dona de casa, fanática por decapê, linguaruda, decoradora, telespectadora, arranjadora, prepotente, sociável, festeira, moradora à rua Conde de Médio-Fim, nº 237 aptº 101, frente, Tijuca, Brasil, portadora de uma Manchete nº 1.500/Ano 1964, de uma irmã solteira, de uma estola, de um vidro de Cabochard, de uma filha professora, de outra usando lente de contato gelatinosa, de um estojo dourado para maquilagens, de um tapete persa na parede, de uma saia comprida, de ondas de calor e de uma insônia intermitente; deixo com o testamenteiro a única testemunha deste inventário - você.

## IMPRESSO EM LIVRO

- Alô, Chefe?
- Alô!
- Chefe?
- Dande você está falando?
- De um telefone público.
- Aonde?
- Em frente ao Ministério da Educação e Cultura, na cidade. Por quê?
- Porque eu não quero complicação, sua besta. Queria saber se a linha estava quente ou fria.
- Chefe ...eu...
- Eu já ouvi o repórter e recebi uma comunicação.
- Mas eu preciso explicar.
- Rápido, seu idiota.
- Escuta, a culpa não foi minha.
- Não? Então foi minha.
- Escuta, eu preciso me encontrar com o senhor.
- Você está sonhando. Só se deve comer alfafa uma vez.
- Mas eu preciso.
- Meu filho, não posso fazer nada. A pimenta chegou lá em cima.
- Como?
- Como? Como pergunto eu. O que foi que você fez?
- O combinado.
- Eu não lhe conheço. Boa tarde.
- Mas chefe, por favor, não desligue. Eu preciso de ajuda...chefe....
- Então deixa de ser débil mental, seu merda. O combinado? É?
- Chefe, não desliga. Além do mais eu posso dedar tudo, lembra-se?"
- Não, não pode. Se você pensar bem, não pode. Sou eu, e só eu, o inocente na história. Você nem sabe meu nome. Nunca viu minha fachada. Como você pode ver, eu estou seguro. Muito, sua besta. Você acha que eu ia meter a mão na cumbuca? Assim, sem mais nem menos? Eu sou macaco velho em mixês.
- Chefe, eu preciso da sua ajuda.
- Eu já contava com sua cagada.
- Está bem! Está bem! Eu fiz cagada. E agora?
- Nada.
- Como nada? O senhor tem os instrumentos.
- Tinha.
- Como tinha? O senhor é o Estado.
- Era.
- O sr. trabalha na dura, não é?
- Não tenho nada com isto.
- Como?

- Babaca, me conta tudinho. Vai, relincha.

- Pra quê?... Tem fita na história? O sr. está gravando?... Acho que o sr. virou a casaca.

- Imbecil. Quero lhe ver longe, quero saber mas é pra você não se foder de vez.

É para entender direito. Curiosidade sádica, é só. Com quem você se meteu?

- Ninguém... E o Djalma?

- Morreu.

- Morreu?

- É cavalo... O Itamar está com você?

- Ele Zuniu.

- Foda-se, faça o mesmo.

- Chefe, o que foi que houve?

- Desembucha. Conta.

- Chefe...

- Você tem cinco minutos.

- Chefe, eu não estou entendendo.

- Eu é que não estou, seu filho da puta. Fala. Se explica.

- Escuta, eu não gosto de ser tratado assim.

- Então desliga.

- Peraí, chefe.

- O idiota, o que é que você quer?

Diga! Eu só quero saber como foi. Repito, é só. Porque ajudar não dá. Quem gosta de bagre é urubu.

- Ai!

- O que houve?

- Ué!... Acho que furei o tímpano.

- Como?

- É, quando fico nervoso desato a futricar o ouvido e acho que catuquei demais.

- Quando?

- Agora.

- Que gracinha! Sangra desgraçado. Bate com o cu no chão. Vai treinando para o pau-de-arara.

- Que é isso, chefe!

- Conta a história, porra! O circo está pegando fogo e você fica inventando babaquice.

- Bem... Mas para que contar? O sr. sabe de tudo.

- Desisto. Até nunca mais então.

- Não, não desliga. Eu conto tudo tim-tim por tim-tim.

- Estou esperando. Você só tem quatro minutos.

- Bem, quando eu estava na saída...

- Não! Do princípio.

Mas, chefe, o sr. planejou tudo e a desgraça aconteceu na saída.

- Não sei qual foi o momento da desgraça. Eu quero é saber tudo desde o início, porrr!

- Lá vai. Eu fui pra porta do Banco Irmão Alves Albert.

- Pra porta?

- Não. Eu fiquei na calçada do outro lado da rua, em frente à porta do banco. E esperei o Djalma e o Lúcio chegarem de carro.

Tudo bem, não é?

- É.

- Bem, às dez e cinco eles chegaram.

Não saíram do carro. Eu cheguei tudo. Estava tudo calmo. O telefone público estava com a plaquinha dependurada. Ninguém chegou perto dele. Aliás funcionou muito bem o truque, todos pensaram que ele estava quebrado. O sr. não tinha telefonado e tudo mais. Como estava tudo joia, eu entrei na livraria. Escolhi o livro mais amarelo possível. Comprei. Me custou quarenta e oito pilas. Era a senha, não era? Se estivesse russo a capa deveria ser vermelha e se estivesse tranques, capa amarela. Fiquei lá fingindo que lia e esperei até as dez e meia. Então, atravessei a rua e entrei no banco. Nem olhei para o carro, mas senti que eles me viram. Fui bem calmo, com muito teatro, direto para a caixa dois. A três não estava funcionando. Tinha uma coroa sendo atendida. Esperei, sacando pelo reflexo do vidro, a chegada do Djalma. Ele entrou, se postou no lugar combinado. Então, me virei e andando em direção à porta, lasquei o empurrão; Um tremendo safanão. O livro caiu no chão e a gente encenou a maior discussão. Quando o Djalma estava prestes a me bater, no maior dos fuzuê, com o banco parado e tudo mais, o guarda saiu do quartinho de segurança e veio interferindo. Botou banca. Tudo como previsto. Neste instante, o Itamar pintou com a metralha e desarmou o gajo. Falou alto aqueles troços: "Isto é um assalto e tal, todo mundo para o banheiro. "Foi aquele silêncio geral. Eu pulei para o outro lado da caixa dois e desliguei o alarme, o mesmo fazendo o Djalma na mesa do gerente.

Tudo certo, não?

- É, e então?

- Bem, eu e o Djalma começamos a catar o dinheiro e colocar na sacola, Enquanto isto, o Itamar montava a guarda e patrocinava a fila para o banheiro. O cofre estava liso. Tá legal? O sr. errou. Mas tinha uma bolada nas caixas. Aí, tiveram aquelas ceninhas de sempre. A velha disse que tinha aquele negócio, não sei o quê fobia, a garota da caixa se mijou e o gerente tentou perturbar a gente. Atrevido. Mas tudo bem. Foi tudo rápido e rasteiro. A gente estava pronto logo e, como sempre, fez a marola na saída e eu, que estava relaxado e satisfeito, peguei o livro do chão e joguei contra a porta do banheiro falando bem alto: "Isto é o nosso presente para vocês".

- Espirituoso. Um bobo, metido a sabido.

- Alto lá, porra. Isto não tem nada demais.

-Vê lá como fala.

- Desculpe, chefe.

- Bem, e aí?

- Aí, foi a desgraça. A gente saiu de costas. Assim meio de banda. E eu fui o primeiro a correr para o carro. Neste instante, chefe, é que aconteceu o imprevisto. A minha família estava inteira na calçada junto ao carro. Inteirinha. A Dina, com o Ricardinho e a Márcia. Tudo ali. Eu estanquei e fiquei atordoado. O que eles estavam fazendo na Praça Saens Peña naquela hora, não me pergunte, porque eu não sei até agora. Aquilo foi o fim. O Ricardinho correu em minha direção, gritando pelo meu nome e pronto para se jogar no meu colo. Eu fiquei desesperado. Primeiro fingi que não vi, depois me entreguei, chefe. Não dava. O Djalma gritando, o Itamar xingando, as crianças pulando à minha volta e a Diria espantada, foi tudo de que me lembro. Abri a mala e joguei o dinheiro para o alto. Fiz pânico, sabe. Arranjei tumulto para fugir dali em segurança com a filha da puta da minha família. Dar no pé, sabe. Joguei tudo para o alto. A porra do guarda saiu com o canudo acertou o Djalma no meio da confusão. As pessoas da rua catando e brigando pelo dinheiro. Uma tremenda guerra, chefe. Eu no tumulto, açambarquei a família. Taquei todo mundo na máquina ligada e me arranquei. O Itamar sumiu na batalha. E eu voando no carro, batia na Dina de tanto ódio.

- Você é um bosta, não é?

- Chefe, desculpe. Com família não se brinca, É o futuro da gente. Não dava, só sinto pelo Djalma.... Estou chorando de pena.

- Você vai chorar é muito.

- Vou sim.

- Você vai é morrer.

- Chefe, por favor, me ajuda. O sr. falou que não tinha problema. Que ia dar um jeito na dura local, e, se houvesse problema, ia ser tudo barra mansa.

- Mas seu veado, você estragou tudo.

- Tudo, por quê?
- A polícia comum não está tomando conta do caso.
- Não, por quê?
- Porque você fez um crime contra a Segurança Nacional.
- O quê?
- Idiota. Seu caso foi para a Polícia Federal, coisa de política.
- Mas....
- Mas, é isto mesmo. Você, deixou um livro subversivo no banco como propaganda, e ainda agitou a população contra o banco fazendo uma espécie de assalto coletivo. Sabe que já teve outro em Olaria? Você está fodido.
- Mas não pode ser, é mentira! Meu Deus, como uma livraria vende um livro destes?
- Sei lá, seu merda. Vai para sua família e aproveita. Vê se rode a Dina e arranje outro filho, antes que o pessoal coma o seu rabo. A cadeia está cheia de veados.
- Mas chefe, não é nada disto.
- Eu sei. Mas e agora? Vai para a imprensa. Põe a boca no mundo, seu Zé família. Porra, você nem viu o título do livro? Um livro sobre política. Não pensou nas consequências quando distribuiu o dinheiro? Você merece é cova.
- Chefe, por favor, me ajuda.
- Não tenho como, sinto muito.
- Chefe, o sr. é o Estado.
- Desapareça e pare de me chamar de Estado.
- Então, é da dura. Se...
- Não tem jeito.
- Chefe, e se...
- Chefe? Chefe?
- ...
- Desligou, o filho da puta.

## **NOVO LANÇAMENTO**

A Editora Maio lança mais uma coleção em fascículos.

O lançamento, *Política e Filosofia para o Homem Moderno*, será o maior empreendimento do gênero, contando com mais de quarenta e cinco livros condensados e criticados por especialistas abalizados.

De acordo com os editores todos os aspectos filosóficos da política serão debatidos e focalizados. Pretende ser o mais completo depoimento sobre política jamais editado. Abrange de Piarrão a Marcuse, revê opostos fundamentais como o *Meein Keinpf* de Adolf Hitler e o *Livro Vermelho* de Mao Tsé-Tung, e passa por todos as obras malditas, publicando as ideias de Antonio Gramsci e Giordano Bruno, sendo enfim, Como anuncia, urna coletânea de grande utilidade.

Cada doze fascículos formará um volume que será gratuitamente encadernado em couro amarelo filigranado. E, como os dias de hoje exigem uma coleção objetiva e de consulta rápida, uma inovação foi adotada. No momento de encadernação, uma sistema remissivo será anexado ao volume. Evitando-se assim a leitura página por página das condensações dos livros em questão. Este índice funcionará como um sintetizador e minimizador das obras previamente resumidas (técnica japonesa).

O primeiro fascículo, todo em amarelo, já se encontra à venda. Em tiragens de 100.000 exemplares *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, de Frederick Engels, marca a abertura deste arrojado projeto da editora.

Com a palavra um dos editores: - As vendas? Promissoras. Afinal de contas é um assunto que interessa a todos, É um assunto hipoteticamente compartilhado por todos e que, pelo menos, atinge

a todos.

## “O BOLO DAS INSTITUIÇÕES” OU A RECEITA

### Monólogo preparado por D. Lurdes antes do jantar

Querer é poder. E homem se prende pela boca, como dizia a tia Jurema. Ela pode fazer tudo, mas nunca um bolo como este. Açúcar puro: Cristal. Se pensa que me intimida, está enganada. Aquela puta. Puta. Desalmada. O homem é meu. Sigo a receita e pronto. A vida é uma receita. E eu fiz tudo muito bem. Fui uma menina boa na escola, fui moça santa e sou mãe exemplar. Eu segui todas as receitas com perfeição. Agora vem ela desavergonhada e me leva o marido. Mas ela me paga. Comigo ninguém pode. Isto vai ficar uma delícia. Onde está o chocolate? Mexo. Mexo bem. Vou lutar até o fim. Ele vai ser meu, quer queira ou não. Vou lutar até o fim. Tenho uma receita antiga. Eu e ele, sozinhos. Falaremos. Conversaremos durante o jantar, o formiga come a sobremesa.... e pronto! Estará convencido. Despudorada. O que ela tem demais? Eu tenho os filhos e meu passado. Um comportamento irrepreensível. Estarei bonita. Ela não tem conceitos, não tem berço e nem é correta. Será que ele ainda me deseja? O sexo é mesquinho, aprendi desde criança, É o de menos. Ela é mesquinha. Ele também não é muito de sexo. É o canto do cisne, como disse a Matilde. Fez isto só para se prorear com os amigos, É a hora do lobo. Será que eu bati demais? Um pouco de farinha. Estou satisfeita por estar só. Sem as crianças e a Dagmar. Não, ele me pertence com todos os medos que tenho dele. Não vou passar esta vergonha. Ficar sozinha, nunca! Eu nunca fiquei e não vai ser agora. Uma separada! Não está na minha cartilha. Agora, uma divorciada. Divorciada!? Que é que ele quer? Que eu vá ao futebol? Não me ensinaram assim. Não sou macaca de estádio. Meu Deus! Que diferença! Uma qualquer - sem eira nem beira. Regras? Ainda as tenho. Será que afetou tudo? Desejo difícil. Eu não faço sem-vergonhices. Se estou velha, ele também está. Estou regrada? Não. Sou uma mulher com regras. O peito está inchado? Não. Ela me paga! Ótimo, no ponto! Fresco e molhado. E se ele disser que sou seca? Ele não vai mencionar. É contra a índole dele. Não sei, preciso de sorte. Ele volta tranquilo, É a regra geral, É regra? Que modo idiota da palavra! Vou colocar as claras batidas. Os ovos. Será que ela chupa os ovos dele? Eu acho que disto ele gosta. Só fiz uma vez. Em ponto de neve. Meti a boca ali. Escorre. Nojo. Que estupidez, meu Deus! Indecência. Nada mais difícil do que se entregar a um homem. Não. Parir é pior. Animal. Agora, ao forno. Existem receitas. Método, é o que sempre repito para as meninas. Para tudo. Ensino. Livro de receitas e evangelho existem para quê? Quanto tempo no fogo? Deixa" eu ver na receita. Eu lembro, É, mas é bom confirmar, É a garantia. Segui linha por linha. Muito bem. Eu sei que ele vai gostar. Vai ficar. Não vai sair dos trilhos. Confio na intuição. Vida é cumprir com as obrigações da gente. Seguir a moral ali, ali. Adoro receitas.

Eu estou certa:

### Diálogo assado por ambos durante o jantar

Sr. Alfredo (*natural*)

- Mas você caprichou! A casa está florida e a comida está maravilhosa.

D. Lurdes (*agradecida e satisfeita*)

- Obrigada. Foi feito com amor.

Sr. Alfredo. (*oportunista e idiota*)

- Lurdes, foi bom você tocar neste assunto.

D. Lurdes ( *fingindo-se desentendida*)

- Que assunto?

Sr. Alfredo (*precipitado*)

- Bem, sobre.., a nossa relação.

D. Lurdes (*astuta*)

- Mas ninguém falou da nossa relação.

Sr. Alfredo (*desarmado e atolado*)

- É. Bem, estava. Estava na sua afirmação sobre o amor.

D. Lurdes (*tripudiando por orgulho*)

- Não, não estava. E nem tive a intenção,

Sr. Alfredo (*em disfarce pobre*)

- Bem depois a gente conversa... O pato está uma delícia.

É bem original. Diferente, não é?

D. Lurdes (*curiosa e esperançosa*)

- É. E sobre a nossa relação? O que queria falar?

Sr. Alfredo (*teimoso e bobo*)

- Não, deixa para depois.

D. Lurdes (*esperta e narcisa*)

- Mas depois as crianças vão chegar e nós não teremos oportunidade de conversar.

Sr. Alfredo (*fugindo e saudosos*)

- Eu estou com muitas saudades delas. Por que elas não ficaram para o jantar?

D. Lurdes (*mentindo e dividida*)

- Elas tinham uma festa... Sabe, festinha de adolescente.

Sr. Alfredo (*nostálgico e deixando-se levar*)

- Tempo das festinhas... Elas estão crescendo... Algum coleguinha mais chegado? Alguma paixão? D. Lurdes (*aproveitadora*)

- Que eu saiba, não. Mas já está quase na hora, não? Seria bom você estar aqui para presenciar este pedaço da vida delas.

Sr. Alfredo (*atingido*)

- Eu acompanharei. Eu estarei por perto sempre que possível. Não vou desaparecer, não.

D. Lurdes (*perdendo controle*)

- Mas será mesmo necessário você ficar só por perto? Não há outra opção?

Sr. Alfredo (*fustigado*)

- Não. A minha decisão é definitiva.

D. Lurdes (*humilhando-se*)

- Mas você pensou bem? Pensou nas consequências?

Sr. Alfredo (*aborrecido*)

- Não precisamos conversar mais. Já falamos o bastante.

Você já sabe muito bem o que penso.

D. Lurdes (*queixosa*)

- Mas não pode ser assim! E o nosso passado? E as crianças?

Sr. Alfredo (*sabendo que ela se abriu*)

- Lurdes, por favor, eu vim aqui para conversar sobre os aspectos legais do caso.

D. Lurdes (*lutando*)

- Isto é um aspecto legal. Uma existência não pode terminar assim. Não é justo. É contra a lei natural das coisas.

Sr. Alfredo (*pressentindo desastre*)

- Vamos parar por aqui!

D. Lurdes (*recompondo-se*)

- Toda regra tem exceção, não é? Se tem que ser assim, que seja.

Sr. Alfredo (*comum e aliviado*)

- Existem regras e contra-regras.

D. Lurdes (*neurótica*)

- Mas posso lhe garantir que não é essa a receita da felicidade.

Sr. Alfredo (*inteligente ou burro*)

- Receita com referência a quem? A quê?

D. Lurdes (*confundida e diplomática*)

- ... Ao nosso casamento, à nossa vida atual. À sua vida atual.

Sr. Alfredo (*realista*)

- "Nossa vida atual", não existe.

D. Lurdes (*abafada e apelando*)

- É. Mas nem sua futura existirá. Ela não é mulher para você.

Sr. Alfredo (*categórico*)

- Não, por favor, vamos parar com isso!

**(Pausa)**

D. Lurdes (*em farsa educada após desconcerto*)

- ... Você aceita mais um pedaço de peito?

Sr. Alfredo (*aturdido*)

- ... Não, obrigado.

D. Lurdes (*pateticamente ridícula*)

- Mais purê? Umas Iaranjinhas?

Sr. Alfredo (*se lembrando da mãe*)

- Não, obrigado. Estou satisfeito.

D. Lurdes (*retrocedendo mediocrementemente*)

- Você ficou chateado, não é? É por isso que não quer comer mais?

Sr. Alfredo (*negando o óbvio*)

- Não, não é nada disto. Eu tenho comido muito atualmente.

D. Lurdes (*tentando conquista, indagando*)

- Saindo muito?

Sr. Alfredo (*relaxado e reclamando*)

- É. A gente come muito fora. Muita comida gordurosa.

D. Lurdes (*vitória e sarcástica*)

- Ela não cozinha em casa?

Sr. Alfredo (*se entregando e consertando*)

- Não. Ela não cozinha muito. Não sabe bem. Mas na zona sul existem vários restaurantes que fazem entrega em casa e outros que vendem comida para viagem.

D. Lurdes (*enfática e ensaiando crítica*)

- Mas deve sair muito caro.

Sr. Alfredo (*condescendente*)

- É, mas é só no princípio. Depois a gente ajeita.

D. Lurdes (*mais senhora da situação*)

- Você está gostando de morar praquelles lados, na zona rica da cidade? E como faz com seu futebol?

Sr. Alfredo (*sincero*)

- Sabe, não sinto a menor falta da Praça Afonso Pena, nem das amizades da zona norte. Adoro praia e descobri que não gosto tanto assim de futebol. A gente vai muito à praia.

D. Lurdes (*desapontada*)

- Corno se muda!

Sr. Alfredo (*exultante e pretensioso*)

- Nova vida! Novas descobertas!

D. Lurdes (*baixando nível*)

- Ela continua frequentando a mesma roda de amiguinhos de antigamente?

Sr. Alfredo (*estupidamente ofendido*)

- O que Você está insinuando?

D. Lurdes (*rápida e mordaz*)

- Nada. Só me lembrei da classe das pessoas com quem ela andava. Nós comentamos isso, se recorda?

Sr. Alfredo (*em atitude chauvinista destemperada*)

- Ela agora só anda comigo. E nós não temos nenhum problema.

D. Lurdes (*fingida e amarga*)

- Felicidades.

Sr. Alfredo (*baixo e destruidor*)

- Escuta, pára de fazer intriga. Eu vivo muito bem. Sou muito feliz agora. Trepo maravilhosamente, ouviu? Ela não tem problemas na cama e em nenhum outro lugar. E nem eu. Não vou voltar para você de jeito nenhum! Estamos conversados?

D. Lurdes (*triste, realmente ofendida, ensaiando choro*)

- Eu nunca esperaria isto de você. Juro.

**(Pausa)**

Sr. Alfredo (*arrependido e dissimulando a falta*)

- Desculpe. Eu não queria tocar nestes assuntos. "Águas passadas não movem moinhos". Mas a culpa foi sua.

Foi você quem começou.

**(Pausa)**

D. Lurdes (*vingativa, mas mansa*)

- Eu preparei uma sobremesa especial para você.

Sr. Alfredo (*insistente por culpa*)

- Foi sem querer. Por favor, não fique com esta cara.

D. Lurdes (*decidida*)

- Eu vou trazer a sobremesa.

**(Pausa)**

- Espero que você goste.

Sr. Alfredo (*irrepreensível, mas pensando, egoísta, nos problemas legais*)

- Claro que vou gostar. Adoro doce e você é de forno e fogão.

D. Lurdes (*Irônica*)

- Mas mesmo assim você não pode dizer nada. Você ainda não provou, não é?

Sr. Alfredo (*Desistindo*)

- É

**(Pausa)**

D. Lurdes (*ansiosa*)

- Que tal?

Sr. Alfredo (*inocente*)

- Muito bom. Bom mesmo. As amêndoas estão deliciosas. Você não come?

D. Lurdes (*calculista, sádica e se fingindo de vítima*)

- Perdi o apetite.

### **Monólogo digerido pelo Sr. Alfredo depois do jantar**

Pensa que me leva no bico. Está enganada. A comida estava gostosa, o doce, uma delícia, mas não me convenceu. Já conheço esta receita. Casei por isto: pelo forno e pelo fogão. Agora chega. Cansei. Comi demais. O estômago está inchado. E nervoso. Será que fui muito drástico? Dane-se. Quero tudo amigável. Mas se não for possível, paciência. Paciência e tome comida. A vaca sabe cozinhar. Mas a Cristina chega lá. Coitada! Tão ofendida sem saber! Mulher chata. "E a zona sul?" Que vontade de arrotar. Vou dar uma de "bueiro". Não. Ela vai falar sobre as regras de etiqueta e educação. Eu digo que é relativo. Falo do costume árabe. O pato não caiu bem. Foi raiva. Eu não devia ter tocado em sexo. É o ponto fraco dela. Mas estou feliz mesmo assim. A Cristina é uma puta. Me chupa. Rebola. Eu adoro. Se esfrega. Geme. Lambe. Vira a bunda. Devolve a porra pela boca. Estou me excitando. Pára. Não, café, não. Vai enjoar. E as meninas? Nada é perfeito. "Amiguinhos?" Que vontade de beijar os peitos da Cristina. Vamos tratar de negócios, já é hora. Será úlcera? Vou comprar um livro de culinária para a Cristina. Será que ela vai entender? As vezes ela é tão infantil! Me sinto velho. Será a tal da andropausa que saiu no jornal - todo velho gosta de garotinha. E as crianças? Irão compreender? A vesga da vizinha de baixo nem me cumprimentou, É típico da Tijuca. Burguesia quadrada. Bem Zona Norte! Foda-se, não moro mais aqui! Preciso de um ar-condicionado. Talvez um AlkaSeltzer. Ela vai se ferir. Sobre a pensão, é melhor deixar o Gustavo explicar. Advogado tem mais lábia. Só falo da mesada das crianças. Alguns pontos. Que massada! Acho que é a vesícula. Posso vomitar. Vou ao banheiro e pronto. Ela nota. Pode ser ameaça de infarte. Comi demais, É, mas não trepei. Nem tomei banho. Mas infarte pode começar assim. Se lembra do Juarez? Coitado! Bosta, é o nervoso. Ela quer é me esfolar. Vaca. E eu vou viver do quê? De brisa? Uma pensão deste tamanho? É a lei. Uma ova! Usual? Uma pitomba! É melhor ficar calado. Contendo o ódio me dá vontade de cagar. E a Cristina vai andar nua? Graça! Será que a Cristina dura? Até quando? Foi o chocolate, preciso de um extrato hepático. Ela, de um Vagostesyl. Vou embora. Vou ficar aliviado, É uma megera mesmo. Não, vou esperar pelas meninas. Não, vou sozinho, sem companhia. As meninas nunca foram ao futebol comigo.

Vou ter um filho homem com a Cristina. Comecei a suar. Perdi os sentimentos? Não é obrigatório esperar pelas meninas. Descabido? Pensa que a vida inteira está escrita num livro como num almanaque? Corno no manual do exército? Não. Chega. Estou de saco cheio de regras. Vai cagar cheiroso em outra freguesia. Destesto receitas. Eu vou embora. Estou certo.

### **A Receita usada por D. Lurdes**

*Receita do conhecido "Bolo Fofo Americano". Conhecido também como "O Bolo das Instituições". Popular e tradicional em qualquer festa americana. Receita adaptada pela mãe de D. Lurdes.*

#### **Ingredientes:**

1. uma xícara de açúcar Pérola (tipo exportação)
2. trezentos gramas de farinha de trigo (do Moinho Suíço)
3. uma xícara de maisena (Anderson)
4. dois copos e meio de leite (tipo Ofco A)
5. duzentos e cinquenta gramas de margarina (tipo Clayton A)
6. duas colheres de chá de fermento em pó (Fermento Fleischmann)
7. cem gramas de qualquer inseticida que contenha Paration (do grupo dos fosfatos orgânicos) na proporção de 1/10. Grânulos. (Produtos Bayer).
8. uma xícara de açúcar Cristal (tipo exportação)
9. um pacote de cento e cinquenta gramas de chocolate em pó (Nestlé)
10. uma dúzia de ovos (galinhas da granja Swifft)

**Modo de fazer:**

1. Misture o açúcar Pérola com a margarina e bata durante aproximadamente meia hora. Acrescente, em seguida, seis gemas. Bata mais um pouco.
2. Coloque o leite e vá adicionando, lentamente, a farinha de trigo. Bata simultaneamente.
3. Despeje a maisena e continue batendo.
4. Adicione o chocolate.
5. Adicione o Paration.
6. quando a massa estiver homogênea(bem batida) acrescente o fermento em pó.
7. bata por mais 30 minutos. (Obs.: atualmente usam-se batedeiras: Arno, GE, Wallitta, etc).
8. Bata seis claras até que fiquem em ponto de neve. Junte à mistura.
9. unte uma forma retangular (ou estrelada) com a famosa margarina. Despeje a massa e leve ao forno por trinta e cinco minutos. (fogo médio).
10. retire do forno e deixe esfriar. Corte em duas porções (em direção horizontal) e recheie com creme de chocolate e amêndoas (vide verso). Cubra com glacê e enfeite.

**Glacê**

*Conteúdo:*

1. 10 claras (do mesmo tipo de galinhas)
  2. três colheres rasas de chocolate em pó (mesma marca)
  3. açúcar Pérola (mesmo tipo) Bata as claras até que fiquem em neve. Acrescente açúcar a gosto. Continue batendo até que uma consistência cremosa seja alcançada. (ponto de glacê)
- A crescente chocolate.*

**Enfeites e efeitos**

*Utilize confeitos coloridos (açúcar granulado anilinado) sobre o glacê fresco. Desenhe bandeiras, corações, ou escreva frases patrióticas.*

*Amêndoas (importadas) poderão ser colocadas à volta do bolo. Dão um toque especial e serão úteis no disfarce do gosto.*

*O bolo faz efeito em trinta minutos e é fatal em três horas, com quadro clínico similar a derrame cerebral.*

## ENTREVISTANDO

Telex s/ nº / SS / confidencial

Origem: N.Y. / diretor-presidente da J.L.

Destino: S.P. / gerente de propaganda e vendas dos sabonetes J.L.

RECEBI VG COM RESERVAS VG TABELAS REFERENTES AO BALANÇO ANUAL DA FILIAL BRASILEIRA PT SE SUAS ESTATÍSTICAS ESTIVEREM CERTAS VG A SITUAÇÃO REQUER PROVIDÊNCIAS PT VOCÊ ESQUECEU DO NOSSO CURSO DE MARKETING INT AS REFERIDAS TABELAS ME ASSUSTARAM PT SO EXISTEM TRINTA MILHÕES DE CORPOS QUE USAM NOSSO SABONETE INT E OS OUTROS MILHÕES VG OU TRILHÕES VG QUE SUA ÁREA COBRE INT USAM O QUE INT AS MAQUINAS DE SUA FILIAL ESTÃO APTAS A PARIR CINQUENTA MILHÕES DE SABONETES PT LOGO VG ESTAMOS EM DEFICIT PT ARRANJE OUTRO JEITO DE AUMENTAR O CONSUMO PT QUERO NOVAS TABELAS PT USE A IMAGINAÇÃO CRIADORA PT NÃO REMETA DESCULPAS DESCABIDAS PT SE O PODER AQUISITIVO BAIXAR VG MUDE O SENTIDO DA AQUISIÇÃO PT GUIE TODO O PODER PARA O NOSSO SABONETE E RETIRE O MÁXIMO DO BAIXO PT EXPLICAÇÕES PODEM DISFARÇAR INCOMPETÊNCIAS PT FAÇA PROPAGANDA LOCAL PT PATROCINE ENTREVISTAS COM MÉDICOS PT FAÇA DO .SABONETE JL UM PRODUTO DE PRIMEIRA NECESSIDADE PT SLOGAN EXEMPLO DOIS PT "SABONETE JL TRAÇO O PÃO DO CORPO" PT MEXA-SE PT AGUARDO TABELAS OTIMISTAS PT LEMBRE-SE DA FÁBRICA DE LEITE EM PÓ TORNOU O PEITO SECUNDÁRIO E O PÓ PRIMÁRIO PT CERTO SER COMPREENDIDO VG REMETO TABELAS PROSPECTIVAS DOS LUCROS DESEJANDO PT CONTAMOS COM SUA AJUDA E BOM-SENSO PT AINDA CONFIAMOS EM SUA CAPACIDADE GERENCIAL PT CORDIAIS SAUDAÇÕES

EDWARD HOOVER / MATRIZ

Eu fiquei esperando algum tempo. Não, muito tempo. Foi relativo. Parte muito, parte pouco. Senti durante esse período umas sensações esquisitas. Fisicamente houve tração e compressão. Meu corpo parecia crescer, tive que me curvar e tive que me diminuir. Paradoxal? Nascia. Desenvolvia rapidamente. Era um estado peculiar. Havia um manto de inquietações: algo diferente. Era um nascimento extemporâneo na calçada de um domingo vazio. Senti-me como serpentina, Subitamente adquirir consciência - Era alguém. O ser continuava a esperar. Por quê? Como seria minha vida? O que ganharia? Não sabia direito. Por quanto tempo existiria? Terminaria naquele domingo? Talvez. Minhas respostas achavam o nada. Queria somente um momento mágico? Seria? Cresceria por dentro? Não sabia. Impossível concluir. Por fora era imensidão: adolescente que afinava, encumpridava, balançava, barafundava e que pensava confusamente em seu primeiro suor. Tarde quente. Conscientizava mil imagens, me perdendo em sonhos e preocupações. Estava, no todo, impaciente. Fatia ruídos audíveis e subaudíveis. Ouvia os sons do ego. Falava-me. Proseava-me. E havia bolsas de silêncio. Mas aguardava, minha passividade era insofismável. De repente, a chamada rápida, mal-educada e berrada. Comecei a andar. Corri e reclamei. Sanfonei-me. Mas acabei entrando na sala. Num turbilhão, arrumei a parte frontal do corpo. Era pura ansiedade. Depois, em resignação, sentei os fundos. Larguei as laterais do meu corpo e esperei de novo. Perdi a forma réptil e, naquele instante, me concentrei. Era um todo perfeito. Adquiri forma humanoide. Acomodei-me, o assento era duro, mas eu estava alegre. Em expectativa. Olhava e me familiarizava com a sala, meu primeiro espaço fechado. O ambiente era abafado, quente de novo. Adoraria fumar. Era proibido fumar. Mas também detestava fumaça! Sem me decidir, relaxei. A sala iluminada me seduzia. Estava no canto sombreado. Via bem. Podia assistir a tudo. Minhas cabeças giravam e ajeitei alguns cabelos. Eram só cabeças e olhos. Era uni. Eu era. E me virava, e me torcia e ainda me ouvia. Sofria. A atmosfera mudou. Calei. Em assalto, minha amiga entrou pelo canto iluminado da sala. Eu a cumprimentei. A minha satisfação era total. Meu primeiro contato! Era total? Não saberia dizer. Era em grande parte, digamos. Bizarro. Eu gostava dela e não gostava. Seria o contrassenso de ser pluri no uni? Mas ela ajudaria. Daria as respostas. Ela era dádiva? Era opção? Teria eu nascido semente para ouvi-la? Ela se dizia amiga. Eu repetia alto: A minha amiga! A minha amiga! E ela passou a conversar comigo. Linda. Conversada? Maquilada? Eu a ouvia. Minhas cabeças a ouviam. Como falava bem! Era uma deusa? Era uma puta bem-sucedida? Uma das minhas cabeças arriscou. Não interessava. Ela era minha, do meu todo. Minha amiga de carne e caso. Maravilhosa, impingida, esplendorosa e mística. Permitida. Útil e informativa. Não, professora e amante. Todas as minhas extremidades eram obrigadas a gostar. Eu a adorava. Ela era eu e eu era ela - meu espelho. Ela contava

comigo e não poderia desapontá-la. Ela gesticulava, eu aceitava. Ela falava, eu assentia. Nós nos entendíamos. Mas o que havia? Ela iria me apresentar a alguém. Quem? Esperei. Quem seria? Qual seria a surpresa? Meu presente era um médico. Um médico importante. Um medalhão. Um médico que poderia, num sempre perpétuo, salvar a minha vida. Um senhor, dono da verdade e da ciência, que sabia o que eu não sabia.

Um mistério, um poder. Uma sumidade? Em quê? Em doenças do colágeno? Teria eu colágeno? Não, impossível. Tinha! O que era colágeno? Algo elástico. Ele estava muito bem-vestido, ela observou. Ele era ocupadíssimo e caríssimo, ela afirmou. Foi lá só para travar relações comigo, deferência. Arrepiei-me de alegria. Meu corpo se moveu num movimento ondular. Minhas cabeças se esquentaram: sofreriam exames? Seriam instruídas? Não. Ele só foi se santificar através da patologia, dar um parecer. Fazendo pose, falava com ela. Eu então sorri, me delicieei. Um médico importante era alguém importante, Óbvio? Nem tanto. Só podia ser importante o alguém apresentado por minha amiga. Todas as cabeças foram programadas para tal. Geneticamente? Ele discursava bem. Respondia com segurança às perguntas da minha companheira. Descreveu o colágeno. Disse que o colágeno poderia ficar doente, maltratar o corpo, ferir a visão e atrapalhar o trabalho. Catástrofe que só ele curava. Só ele e mais ninguém. Ele era o papa do assunto. A Soraya tinha colágeno? Ela bisbilhotou. Tinha? Quem diria! Tinha ele tomado conta da ex-princesa? Não disse sim nem não. A Associação proibia. Que ética profissional! Que amiga curiosa! Perguntava exatamente o que eu queria saber. Sempre cultural! E a Associação Médica? Que coisa distinta! Bem depressa as indagações foram parar nos colágenos do cônsul da Dinamarca. E o cônsul do Reino Nórdico? “Nada de pobre no Reino...” Sublime e sutil, uma resposta shakespeariana. Vibrei. Por quê? Meu Deus! E o meu colágeno? Só no consultório, o momento não era oportuno. Mas eu e~tava cheio de colágenos; ela adiantou por mim. E agora? Que poderia acontecer comigo? Ficar doente? Irremediavelmente podre entre placas frias e viscosas? Colagenal? Ela daria a solução? Ela me acalmou. Sim, certamente. Ele era a solução. Ele, que gostava de quadros modernos, colecionava e jogava na Bolsa. Ele, acionista e turfista. Prendi a respiração. Como encontrá-lo? E se, por acaso, o meu colágeno pegasse fogo? Jogaria água ou éter? Colágeno se limpa? Se previne? Ele não poderia dar o seu endereço. Maldita Associação! Deu o telefone e número do bip da secretária. Consulta? Só daqui a cinco anos. Disse que seu livro estava à venda. Eu poderia lê-lo? Muito caro. Discorreu sobre a mortal epidemia colagenosa. Coisa alarmante: dois indivíduos em quinhentos milhões são atingidos. Minhas cabeças giravam. Dissertou sobre a nova, máquina importada. Uma máquina médico-bio-eletrônica. Aparato finíssimo e sem precedentes. Um novo passo em direção ao colágeno. Comprado à base de trilhões de uma firma americana. Era o último tipo? Ela se certificava. Sim, claro, complicadíssima, conseguida através de um empréstimo do setor comercial da Associação Médica. E os impostos alfandegários? Ela tentava me esclarecer.

Ora, minha amiga não sabia? Havia a boa vontade de um dirigente. Colangítico? Achei que sim. Não. Era a filha. Que infelicidade! Havia também os colangélicos, os colangóides e os colangênticos, fiquei sabendo. Todos doentes! Que doutor! Um lente! Mas tudo seria consertado pela máquina e pelo extrato de placenta também. Tudo aplicado através de suas mãos de ouro lambuzando o colágeno. Mão de fada, as mãos do professor. E os seus olhos de lince? Que perícia! Mas minha amiga estava triste, o que acontecia? A mite de minha amiga era uma colangêntica. Que pena! Que problema! Estremeci com o choque, mas ela estava sendo assistida pelo esculápio presente. Fora de série! Seria curada? Surpresa final: a progenitora já estava em alta provisória. Houve alívio de minha parte. Júbilo. Mereciam palmas: tudo e todos - ela, ele, o momento. Graça divina! Aplaudi. Fiz barulho com as mãos. Agradei. Só poderia responder assim. Não havia outro jeito, sempre me foi castrado o direito da fala. O da escrita? Nem se fala. Por costume me batia. Ato insólito, mas verdadeiro. Batia palmas. Teria encontrado a razão de minha existência? Era tudo? Não. Por este pequeno tumulto ele saiu, escapuliu orgulhoso. Será que fui muito masoquista? Aquietei-me. Ela se aplumou e sorriu. Estava sozinha, estávamos. Recomposta falou pausadamente e exaltou o meu comportamento. Exemplar? Sim, mas...naquele instante. E no futuro? Como eu reagiria? Haveria uma boa conduta permanente? Manteria a amizade? Continuar a assistir às suas entrevistas? Ou, e ela proclamou bem sentida, eu a esqueceria? Quase sempre eu era volúvel, ela testemunhou. Era a velha história de sempre. Era? Como poderia dizê-lo? Tinha horas de existência. De onde veio esta impressão atávica? Peculiar. Talvez uma cabeça mal colocada? Mal ajustada? Em tempo, captei a mensagem do patrocinador. O mentor da amizade. Empalideci. Imaginem! Havia um sabonete que limpava o colágeno? Um achado certo. Tinha necessidade que desconhecia. Não poderia suportar mais, era demais. Ela voltou satisfeita, refeita. Tinha me dado o mundo, o amor, a cultura e uma nova necessidade. Instruiu-me. Então, ela tornou a perguntar se eu iria deixá-la. Nunca. A minha paga não poderia ser essa. Por indignação, reagi com um não e desaprovei batendo os pés no chão. Ela disse que sim, que eu a esqueceria. E afirmou, categórica que só haveria uma forma de desempate. Topei a parada. Ela queria minha presença infalível no próximo domingo. A felicidade me arranhou de novo. Mas, viveria eu até o próximo domingo? Seria eu entidade estática?

Nasci para hibernar até o próximo domingo? Quem era eu? A maioria das cabeças juraram fidelidade eterna. Por conseguinte vibrei, pulei e levantei-me. Nunca a deixaria. Empolei minhas mãos por agradecimentos e juras. Com satisfação, me senti no apogeu da existência. O momento foi fugaz, ela saiu por onde entrou. A entrevistadora me deixou: desertou. Eu, agora, começo a morrer. Esvazio-me em unis. Pateticamente uma das minhas cabeças ainda pensa; indaga o porquê de um não poder deixá-la. "Não volto mais aqui". A mesma cabeça atrapalha os meus estertores e me Confunde declarando baixinho que ela, a entrevistadora, é quem me ensina a esquecer. "Não. Ela foi minha felicidade por segundos". As outras ainda reagem. Perco as forças e nem tento responder sobre as intenções ocultas da minha amiga entrevistadora. "Estaria ela querendo ser imortal"?, questionam. "Ela foi imoral!" arremata uma descabida cabeça, tumultuando o meu. morrer. "E ele? O médico? Manda na saúde por tratar da doença? Com que direito ele trata do nada? Ele sou eu também, não é? Ele tem é uma mente colangítica". - Desabafa uma cabeça alucinada. Isto é típico da hora final: barulhos, zumbidos e incoerências. Por quê? Isto eu sei: é a morte do conjunto. Eu que sou o público me desfaço, me diluo. A plateia já não vive. Uma última cabeça chora. Razões? Não tenho mais consciência para saber. Sumo mitoticamente e estrebucho. Em nacos me desloco. Alargo-me em tendões. Minha individualidade está sendo destruída. Desintegro. Vazo pela porta. Racho em gomos, em partículas. Os outros "eus", "eas", "eos" aparecem. Sou tracionado e pressionado. Morro como nasci. Nem sou mais a amiga, o querido tijucano nem o futuro paciente do auditório. Agora, não sou. Serei, sim, lembrada no próximo domingo. Serei outro? Reencarnarei? Não sei. Serei lembrado no dia da pesquisa de mercado? No dia dos números. No dia da manipulação. Então serei saudada. Torcido. Eu platéia, público, massa, turba e malta. Impessoal e abstrato. Amorfa. Deturpado em minha existência e morte. Infelizmente confundida. Nunca gente.

## PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS, ENTRE PRECES E FÉS

- Obrigado Michael Stuffi

Michael acabou de reportar de Moscou descrevendo os últimos preparativos para abertura do Festival Internacional de Ballet na Capital Soviética. Agora, na segunda parte do nosso programa "De olho no mundo", uma entrevista exclusiva com o prof. Konrad Klein Kubrick diretamente do bureau de entrevistas desta emissora.

(música jingle)

- Boa noite, professor.

- Boa noite.

- Professor, poucas pessoas sabem que o senhor é figura de proa dentro do Instituto de Futurologia e Previsão Científica. Será que o senhor poderia, sucintamente, discorrer sobre seu trabalho e função?

- Bem. Gostei muito do "de proa", obrigado! Mas na verdade sou apenas o diretor do Departamento de Previsões a Médio Prazo da Instituição. Obviamente a função do trabalho é prever, com um máximo de exatidão e com um mínimo de erro, o futuro de uma empresa, de grupos e de nações, enfim de qualquer instituição e até de indivíduos. A previsão é feita não nostradamicamente, mas à base dos modernos conhecimentos de lógica prospectiva e computação dedutiva. Usamos todas as variáveis disponíveis todos os critérios econômicos, psicossociais, históricos, biológicos, etc., envolvidos com o cliente. E daí, após exaustivas elaborações matemáticas, chegamos às possibilidades de eventos que o cliente estará sujeito a curto, médio ou longo prazo.

- E para que servem estas "previsões"?

- Ora, evidente meu caro! Você sabendo o que possivelmente vai ocorrer, e como vai ocorrer, poderá tomar providências e manipular o presente de tal forma a mudar as perspectivas futuras. Sendo mais claro: no entender de nossa instituição, o futuro é algo que deve ser controlado, vivido e arquitetado como o presente o é, evitando-se assim surpresas desagradáveis. Nossa instituição já tem felizmente essa capacidade.

- Professor, será que o senhor poderia dar um exemplo?

- Pois não. A Central de Segurança Pública da Alemanha Ocidental encomendou ao nosso departamento de Previsão a curto prazo um estudo sobre os possíveis problemas com que eles poderiam se defrontar durante a realização dos Jogos Olímpicos em Munich, aliás um estudo primoroso realizado pelo prof. Sumi Jamija. Bem, o relatório continha trinta e cinco possibilidades plausíveis a serem observadas pelas autoridades germânicas. Neste caso, o dever dele, cliente, seria o de se precaver no sentido de evitar, ou de se exercitar para saber desfazer as situações que havíamos previsto. Mais explicitamente: o item vinte sete descrevia um provável ataque guerrilheiro palestino à delegação israelense presente aos Jogos. Precisamente o que aconteceu. Inclusive, a possibilidade classificada como "viável", logo após realidade, continha o exato número de guerrilheiros, local do ataque e até a hora do incidente.

- Como? Até a hora?

- Simplíssimo. Estatisticamente, cinco horas da manhã é a hora mais morta do planeta, hora em que, quem saiu já voltou e quem vai sair ainda não saiu; é a hora de maior concentração humana em domicílio, mesmo se contássemos a massa operária que mora longe do trabalho e que é obrigada a acordar bem cedo. Mas isto é outra história que não vem ao caso.

- Fantástico! É a visão de futuro através de um olho mágico! E as autoridades alemãs? Por que não tomaram as providências necessárias?

- Bem, o relatório nunca foi entregue. O governo alemão fez a encomenda, mas posteriormente alegando que os honorários cobrados eram excessivos e questionando a validade do estudo, resolveu não adquiri-lo. Na verdade, os dirigentes estavam aflitos devido à maratona de gastos decorrentes do dispendioso certame. Precipitaram-se. Garanto que se encontram arrependidos até hoje, pois o massacre trouxe a tona o espectro da ineficiência e da falta de tato na até então irrepreensível polícia alemã. Foi um desprestígio que ocasionou perdas imensas na indústria de turismo e feriu profundamente os brios de superioridade da raça

ariana. Além de desencadear delicados e intrincados problemas na esfera diplomática. Como você pode notar, a recusa saiu muito mais cara que a compra e observância do estudo. Aliás esse tipo de comportamento é particular do alemão que, aparentemente possuindo uma cabeça muito racional e coerente, é dado a atitudes esquizoides, repentinas e como sempre intransigentes. Revogam, retroagem e recusam na última hora ou se lançam em empreitadas completamente descabidas de senso, tais como: campos de extermínio ou venda de tecnologia superior a povos subdesenvolvidos. Uma pena! Mas isto é outra história.

- Professor, eu sou judeu e lastimo profundamente o ocorrido. Aquilo foi um ato de barbarismo!

- É.

- ...realmente me encontro impressionado com suas deduções. Eu me sinto desnudo frente a sua capacidade.

- Obrigado. Mas o mérito pertence à Organização. Nós somos uma confraria de iguais, cuja marca é o pensar e a razão.

- Excelente professor! A propósito, a Instituição impetrou ação de perdas e danos contra o governo alemão? Ou arcou com os prejuízos?

- Não, meu caro, nem um nem outro. Todos os pedidos ou encomendas são previamente assegurados. E sagrado! Nunca sofremos prejuízos e os estudos recusados, como esse, ainda sofrem algumas sanções contratuais, tal como perda de sigilo.

- Professor, recebemos a informação de que o seu departamento acaba de completar um extenso dossier sobre os problemas concernentes ao futuro do Vaticano. Isto é verdade?

— O senhor se encontra bem informado. Trata-se de um estudo prospectivo para os próximos vinte e cinco anos.

- Existe fundamento na afirmação de que o Vaticano se encontra atemorizado frente a crescente perda de prestígio político e poder temporal?

- O sigilo profissional me impede de responder a sua pergunta. As razões do cliente são resguardadas por contrato.

- Vários jornalistas credenciados junto a Santa Fê descrevem um clima de intranquilidade na cúpula da Igreja perante o escasseamento das vocações religiosas e o contínuo esvaziar das Igrejas por parte dos, outrora, fiéis. Enfim, a Igreja está em crise?

- Meu caro jornalista, me sinto acuado frente a sua persistência. Mas não vou desapontá-lo e acredito poder comentar alguns aspectos do assunto sem pôr em risco a ética e o sigilo do Instituto. Vejamos: devemos ver a religião, e qualquer uma delas, como uma indústria que vende um mistério, uma crença; enfim, sejamos práticos e vamos nos abster de todos os multifatores ligados à religião e vamos observá-la como uma empresa. Uma instituição que vende o "abstrato". Ora, quem vende o "abstrato", como deverá ser pago? Obviamente com outro abstrato. O poder, a influência, o controle, a fidelidade, a interferência, por exemplo, são outros abstratos. Resta saber quem no futuro dará mais em troca, quais serão os clientes em potencial, quais os atrativos necessários para termos me horas vendedores no futuro e qual a roupagem indicada para uma venda segura? É questão de pura lógica! Sendo indiscreto: A Igreja dos Mormons foi aconselhada por nós, é atualmente a que mais cresce no mundo.

- Professor, será que o sr. se permitiria mais outro deslize?

- Depende.

- Em uma frase, qual o conselho que o sr. daria a Sua Santidade?

- Interessante, talvez diria: "invente outras preces".

- Obrigado, professor.

(música jingle)

*(Extrato de transmissão da BBC durante prestação de serviço aos Seus ouvintes).*

- É cólica menstrual. Lógico. Como as minhas? Duvido. São horríveis. A barriga puxa, eu me torço toda e, às vezes, até vomito. É insuportável. Depois, eu detesto ver aqueles coágulos descendo pelas pernas. A senhora está rindo? Mas é verdade. Parece uns fetinhos. Não, nunca fiz aborto. Cruz-credo! Mas é triste assim mesmo. Eu fico inutilizada por dois dias no mínimo. Pois é! Antigamente eu usava saco de água quente, mas não adiantava nada. Supositórios? Como é mesmo o nome? É, de cibalena. Aliviam, mas a sensação de enfiar no rabo é horrível. Desculpe. É humilhante, não é? Não. Não uso tampão, É como se

fosse um pintinho dentro da gente e depois fica aquele barbantino de fora. Só usei uma vez. Parece coisa de boneca. Acho que se puxar, vou cantar uma musiquinha. Não é pra rir. Não é brincadeira não! Não diga! Que vergonha! Ir ao médico porque a coisa se perdeu lá por dentro? Deus me livre! Fico vermelha só em pensar. Morreria de vergonha. Uso. Mas Modess só tem o inconveniente do cheiro, não é? A gente fica que é, desculpe pela palavra, buceta pura. Perdão. Além do bolo entre as pernas, É por isto que eu falto ao trabalho. Quando fico regrada, fico inútil. Exato, me falaram, dizem que a pílula melhora. Mas sabe, minha mãe é muito das antigas, e se eu aparecer com uma caixa de pílulas... Meu Deus! O tempo fecha. Eu não comento estas coisas com ninguém. Ainda bem que foi a senhora que puxou o assunto. Mas tudo é verdade e eu sofro muito. Minha mãe sempre diz: - Moça que é moça mesmo, regra forte e com dor. E não adianta reclamar, minha mãe é muito religiosa: ela é testemunha de Jeová. Aliás, todos lá em casa. Eu também sou, mas acho que menos que os outros. A senhora gostou? Está bonito, a cor ajuda muito. Unha tem que ser pintada de vermelho mesmo, nada de cor-de-rosa. Esse tom ficou ótimo para a senhora, não está espalhafatoso, mas é forte e penetrante.

*(Extrato de conversa de Maria Dolores, calista e manicure, com D. Ana durante prestação de serviço)*

- Obrigado, poucas pessoas se lembram, É bem diferente, o doutor tem razão, É verdade, nós temos outro calendário. Não, eu acho necessário! É uma questão de costume, tradição e crença. Tínhamos que manter a unidade a qualquer preço. Não, não me sinto como um peixe fora d'água. A comunidade é bem grande por aqui. Sim, existem os festejos familiares, os da sinagoga e os do colégio cios netinhos. O doutor acertou, pois no final comemoramos dois anos novos em cada trezentos e sessenta e cinco dias. Não em Israel, lá é só um, um dia de grande festa. Aqui seguimos os preceitos, não é preciso viver em Israel para festejar o ano novo. A religião está dentro da gente. Sempre doutor, sempre vestindo duas roupas: uma de rabino e outra do país onde se vive, assim é a nossa vida. Mas doutor, não é lógico que todos os judeus voltem para Israel, aliás não existe nem espaço para todos na Palestina. Se todos os judeus regressarem à Terra Prometida teremos que invadir o deserto do Saara. Não, no fundo prefiro comemorar por aqui. Já imaginou festejar o ano novo todo uniformizado? Todo vestido para uma guerra? Agora não há mais possibilidade; não tenho mais idade para imigrar e minha vida já está toda arrumada por aqui. Não, nada disto, eu já fiz o que pude. Vim para este país só com a roupa do corpo, não mudo mais. O que é isto, doutor! Ainda não deu para tanto. Rico? Ilusão! Nem todo judeu é milionário. Nunca ninguém andou pelado lá em casa, isto é verdade! Mas daí à riqueza... Pensando bem já cumpri minha missão, só me resta esperar pela morte. Como se sente? O gancho está bom? Ótimo! Experimente o paletó. Não, primeiro coloque o Colete. Tem um pouco de enchimento, muito POUCO. Assim está caindo bem. O quê? Se eu já preparei o terno para o meu enterro? O doutor está enganado, os judeus são enterrados nus. Usam só uma mortalha.

*(Extrato de conversa de David, alfaiate, com Sr. Ary durante prestação de serviço).*

- Não, sua pele é ótima. Que rugas que nada! A senhora precisa é ver a pele da Dona Caria, é horrível! Ela precisa de massagem toda semana. A pele dela é cheia de buracos e eu sei que aquilo é mal-olhado. Por quê? Eu sei muito bem quando é doença e quando não é. Pele com bexiga não há base que tampe os buracos, mas o caso de Dona Caria é diferente, as delas mudam; têm dias que estão mais fundos e outros que estão mais rasos. Também aquele tipo de espinha pequenina, que ela tem perto dos lábios; um montão! Não, não é cravo. Aquilo é inveja. Que chocolate que nada! Eu já disse para ela ir lá no centro que o pessoal resolve. Eu tenho certeza que ela tem a espinhela caída. Aquilo é coisa feita, É trabalho bem-feito. A senhora também já foi? Por que, não gostou? É mesmo! A senhora não foi num de linha branca. Foi isto! O meu é diferente. O pessoal é muito legal, é outro tipo de gente. A senhora sabe quem eu sempre vejo por lá? A dona Dinorá. Eu já assisti a milagres! É inacreditável. Eu? Tenho fé mesmo. Os espíritos ajudam a gente. Se eu tenho problema, vou lá. Se tenho um desejo, vou lá. Eles nunca falharam. O chefe do centro já disse que eu sou meio-medium. Não é piada, não. É que eu deveria frequentar mais as sessões, mas o meu marido não é muito chegado a estas coisas. Ele diz que não gosta, que é uma besteira e coisa e tal, mas na hora do pega pra capar, quando a barra fica pesada para os lados dele, ele se arreganha todo, e, bem direitinho, vem pedir ajuda, É coisa de homem. Ele chega a ir até o centro. Perfeito! É isto mesmo! Exato! É só da boca para fora. No fundo ele acredita e muito; ele tem a maior confiança no meu olho. Eu deveria ter sido médica. Eu tenho um olho quase clínico. Sabe, só pode ser espírito forte; eu olho assim e, pronto, eu pesco tudo! Agora, por favor, feche os olhos que eu vou começar a passar o rímel.

*(Extrato de conversa de Maria Celeste, maquiladora, com D. Ana durante prestação de serviços)*

- Eu cortei com a religião. Foi sim! Uái! Claro que se pode viver sem religião, não acredito em homem de batina. Aquilo é coisa transviada. Medo? De quê? Se chegar lá e encontrar alguma coisa, digo assim bem mineiro: "Desculpem, cortei com tudo lá na terra, mas foi engano". Gostou, né? Sim, eu sou mineiro. O pessoal era bastante religioso. Meu pai era congregado Mariano e minha mãe filha de Maria, a família inteira muito chegada à reza e à paróquia. O doutor não pode ter nem ideia! Enquanto minha mãe cortava

couve, ela rezava como uma desesperada. Vivia fazendo penitência. Até hoje não sei de onde vinha tanto pecado. Eu? Eu cortava um dobrado e era obrigado a rezar um terço por dia. E as ladainhas? Eram insuportáveis. Depois, padre, macumbeiro, rabino e sei lá o que mais, não enchem barriga de ninguém. Tiram o dinheiro da gente e cortam as asas de todo mundo. Se não fosse a religião, o mundo estaria mais adiantado, eles, os padres, são uns retrógrados. O quê? Anjo da Guarda? Isto é coisa de menino, doutor. É mitologia. Asa e pena são coisas de passarinho. Depois aqueles cabelos "finos e cheios de cachinhos mereciam é tesoura de dente. Os hippies parecem com eles e nunca se sabe para que lado a navalha corta; são uns frescos. Não, não sou ateu. Mas isto é outra ~coisa, né doutor? Uái, por que incoerência? Em Deus, eu acredito sim. Não acredito nas igrejas e nos paramentos, mas que existe um ser superior não tenho dúvidas. Taí, destino! Isto eu tenho certeza que existe. A gente nasce já com a vida inteirinha cortada, trabalhada e arrumada na palma da mão. E não tem conversa, É, de cigano eu sabia, mas de árabe não. Como é o nome mesmo? Alcorão? Pode ser, mas é que sou um homem simples que não teve a educação do doutor, mas mesmo que tivesse teria a mesma opinião que tenho hoje; garanto! Sabe por quê? Eu não gosto de frescura. Pilastra de ouro, reverência, homem de saia e reza encubada não é comigo. Gosto de coisa limpa e direta, assim como eu estou fazendo com o doutor; rosto todo escanoado e corte a príncipe Danilo. Tudo muito homem, Epa! Peraí, doutor. Cuidado, não se vire rápido, com tesoura não se brinca; cabelo cortado não se emenda.

*(Extrato de conversa de Machado, barbeiro, com Sr. Ary durante prestação de serviço).*

- Mas quem? A senhora? Desaprovo. A comida baiana é ótima. Um sarapatel, um xinxim de galinha.., nem me fale que é de dar água na boca. Eu tenho a receita de uma muqueca de peixe que é infalível. A senhora não gosta de peixe? A senhora tem que experimentar o meu peixe. Tudo com muito azeite de dendê. Olha, até que uma cabeça de peixe caíria bem no almoço, não é? Santa Barbara! Nunca experimentou? Nojeira? A senhora não sabe o que é bom, é uma delícia! É a parte do peixe que eu mais gosto. Quando fui fazer minha cabeça lá na Bahia, só comi cabeça de peixe. Fui até aconselhada pela mãe de santo. Eu me empanturrei. Tenho sim; cabeça feita no rito e em terreiro baiano santificado por todos os orixás deste mundo. Concordo. Precisa ter muita coragem, muita vontade. Sabe, fiquei completamente pelada, a cabeça sem um fio de cabelo, por uns seis meses; era a própria carequinha. Não é engraçado? Eu sou filha de Iemanjá. Não, a senhora está confundindo macumba com candomblé. Macumba chama espírito e mexe com alma do outro mundo; candomblé é religião. Nós temos os santos iguaizinhos à religião católica, os orixás; e também os padres, os ministros dos santos, que são chamados mães e pais de santo. Depois as filhas e os guias, É meio complicado, não é? Eu tenho um livro que explica tudo, se a senhora quiser posso emprestar. Está bem, mas fique sabendo que o candomblé é a religião das cabeças, do pensamento e da razão, É uma religião muito antiga. Não, assim está ótimo. A senhora tem a cabeça ideal para este tipo de penteado. O cabelo também ajuda, ele está azulado de tão negro. A senhora está uma graça. Linda! Parece até a cabeça de Iemanjá; o penteado caiu muito bem.

*(Extrato de conversa de Maria das Graças, cabeleireira, com D. Ana durante prestação de serviços)*

- Agora tudo é de nylon, Material fino e de bom gosto anda bastante desprestigiado. Eu vou lhe dizer uma coisa; a diferença de preço não é muito grande, cansei de ver produtos d~ carregação muito mais caros. Exorbitante mesmo! A culpa é da falta de cultura. Existe muita ignorância neste mundo. Desde quando etiqueta industrial vale mais que monograma? Nunca! As pessoas não acreditam. Digo que mesmo nas boutiques mais elegantes, não existem roupas personalizadas. E tocam a comprar camisas "volta-ao-mundo", ' ou "mil e uma noites". Pensam que a etiqueta, às vezes usada até por fora, é algo diferente ou determinante. Compram gato por lebre. Personalização no vestiário é ter monograma bordado à mão em camisa de linho. Isto é distinção! Mas são poucos os que sabem disto. Normalmente não há tradição nem berço. Assinatura não se compra, se tem. A maioria se esquece que a assinatura é a marca do homem, É a primeira e única identidade. Não existe máquina capaz de substituí-la. Máquina no máximo dá um número. O quê? Outros tempos? Doutor, aprendi isto com meu velho pai: "Seja fiel aos seus princípios; homem que é homem não muda". Ele era maçom como eu também sou e sempre foi correto em tudo o que fez na vida. Mas o senhor não sabia? Pois é, sou maçom há vinte e cinco anos. Não, as pessoas fantasiam muito sobre a maçonaria. Se esquecem que é uma seita correta que se manteve íntegra e indelével através dos séculos. Sabe por quê? Tem a verdade nas mãos. O senso do pensar.

Não há misticismo. Trabalhamos com a razão e a ciência. Não se sai da assinatura para a etiqueta. Temos coerência. Bem, eu não posso negar que é um grupo fechado, mas o doutor compreende que existe uma razão plausível. Ouça, não se encontram pessoas inteligentes, honestas e fiéis com facilidade. Em maçonaria não existe modismo; exige-se seriedade. Por isto é difícil entrar na ordem e, por conseguinte, fácil de se deduzir porque tantos homens célebres foram maçons. Doutor! O que é isto? Não só o Imperador Pedro I e o sr. José Bonifácio toram maçons. Atualmente, cientistas, advogados, médicos e militares de alta

patente se encontram em nossos quadros. Nós continuamos muito ativos. Adianto que gostaria de ver o doutor numa das nossas sessões. Se é um convite? Claro! Não, ir em qualquer dia destes não pode. Se o senhor realmente desejar, poderemos fazer um convite formal e marcaremos uma data. Compreendo, eu sei que o doutor é a favor de grupos ou associações de iguais, mas não se identifica com os maçons. Aceito seu ponto de vista. Então, aqui estão as camisas. E o doutor, permite uma brincadeira? Se o senhor vier a ser maçom lembre-se de que o monograma deverá ser mudado. Por quê? Os maçons usam três pontinhos junto à assinatura. É uma das formas de identificação maçônica, É a marca do grupo.

*(Extrato de conversa do Sr. Távola, camiseiro, com Sr. Ary durante prestação de serviço).*

Demos Graças a Deus!

Meus irmãos, estamos aqui reunidos neste momento solene para comemorar os vinte e cinco anos de casamento do querido casal Ana e Ary Vasques Santos. Para comemorar um exemplo! Um exemplo de fé católica e moral! Uma união que, durante um quarto de século, soube viver dentro dos preceitos da Santa Madre Igreja.

Nós, membros desta paróquia e da Sociedade Tijucana, sabemos sobejamente das qualidades do casal hoje em jubileu; ela, uma devotada professora primária, atualmente ocupando o cargo de direção no Instituto de Educação, pessoa destituída de caprichos, que não possui o olho da inveja ou a cabeça voltada para a vaidade e superficialidade da vida moderna; sincera, caridosa, mãe zelosa de cinco filhos, que não se deixa levar pela ciência avessa que tole a concepção e a procriação do homem católico. Ele, um correto funcionário público da Secretaria de Viação e Obras Públicas, atualmente ocupando cargo de direção e responsabilidade na Administração Geral da Tijuca, homem de fé sempre disposto a defender sua convicção religiosa, contrário a grupos ou gaiolas de ouro, não individualista ou personalista, aberto para novas ideias - sempre que sadias. Um homem sem preconceitos, pai sensato, pessoa de caráter que tem a noção exata do papel social que desempenha junto a nossa comunidade. Ambos sempre unidos em todos os momentos sem se esquecerem que fomos feitos à imagem e semelhança de Deus e a Ele devemos nos aproximar através de um contínuo amar e servir ao próximo.

Bendito seja esse casal! Que a nós filhos, parentes, amigos, colegas, vizinhos e irmãos aqui presentes, nos brindou com a medida certa de um compartilhar que não esconde exploração, de um comunhar que não é fruto de aparências e de um viver dentro dos ensinamentos de Cristo, sem luxúria e consciente de nossa insignificância frente aos desígnios do Pai Eterno.

Meus caros irmãos, esse momento de júbilo é plenamente justificado. Nossa comunidade presta as devidas homenagens ao casal, perante Deus Pai, Deus Filho, Nossa Senhora e perante a Igreja Católica que assistiu, numa consagração realizada há vinte e cinco anos atrás, ao nascer de uma pequena célula: a família Vasques Santos. Não é hora de serem lembradas as blasfêmias e as mentiras que são lançadas contra a família católica constituída e nem os desvios, às vezes de consequências trágicas, que os demais jovens e inexperientes são levados a trilhar. Não! O momento não é propício para lamentações, É hora de apontar essa data, esse instante, mesmo insignificante para os descrentes, como um exemplo a ser seguido, uma meta indiscutivelmente grandiosa e esplendorosa que renasce, que se transforma em cada homem, em cada casal, se multiplicando como no milagre dos peixes.

Irmãos, nós temos certeza que o casal trouxe, traz e trará sempre a semente do unir, do repartir entre os homens, do não abusar, do respeitar e do se dirigir a Deus. Meus irmãos, são em pessoas como essas que se materializam os desejos do progresso humano, material, social e espiritual que a Igreja tanto almeja. Que venham todos assistir! Venham testemunhar esse evento e a essa reafirmação de fé cristã dentro desta Igreja, que sempre esteve aberta, e sempre estará, para todo aquele disposto a percorrer os caminhos de Cristo, sem perguntar por soluções ou razões, porque a Igreja e a fé são elas próprias a solução, a resposta e a razão da existência.

O nosso princípio é Deus e nosso instrumento é a fé.

Façamos uma prece ao Senhor!

Prestemos serviço a Deus!

Oremos o Credo.

*(Sermão do Padre Augustinho Cezar durante prestação de serviços a Ana e Ary, em missa, pelas bodas de prata do elegante casal, realizada na Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na Tijuca)*

## TRILOGIA DOS PAPÉIS

### RECIBOS (ARQUIVE NA ORDEM DESEJADA)

(2ª via / vendedor)

Recebi do laboratório de Análises Clínicas do Dr. Castilho Júnior a quantia de cinquenta cruzeiros, pela venda de 5 (cinco) ml de um líquido leitoso, levemente opaco, meio cola, cheirando a água sanitária e contendo uns carocinhos meio tapioca ou mingau empelotado.

Recebi em transação comercial, realizada ao som de música ambiental numa sala toda atapetada em anis, após intensa discussão entre ambas as partes. Primeiro, pela recusa do comprador em adquirir o mais valorizado de meus produtos: meu sangue; segundo, pelo meu espanto inicial em negociar o mais desvalorizado de meus produtos: minha porra, matéria até então supostamente invendável e desprestigiada, por ser um copador de mim mesmo; e por último, pela dificuldade em encontrar um preço que satisfizesse a ambos e que cobrisse os riscos de compra e venda de um material não tabelado, portanto sujeito às sanções legais e ao mercado paralelo.

Recebi, apesar da cara feia inicial do Dr. Castilho que, após pique no dedo, revelou impurezas ou micróbios desconhecidos no meu sangue, qualificando-o como imprestável até mesmo para doações. Mesmo acreditando, refutei o evidente. Persistindo na tentativa da venda, mostrei a certidão de análise que tenho de outro laboratório, tipando o meu sangue como produto invejado por conter um negativo a mais e um AB a menos. Implorei piedade, apelando para minha condição falida de pai desempregado, com cinco filhos para criar, numa terra onde meu produto de venda básica, o suor, é classificado como mão de obra não qualificada. Estarrecido e depois ressabiado, numa recusa inexpressiva, indaguei manso, para aceitar de chofre, num final feliz atrás do biombo, a contraproposta vaga, excitante e diferente.

Recebi também um copo de leite, brinde de praxe nesse ramo, cortesia que apaga ressentimento e mantém as portas abertas em chamariz para novos mascotes da ciência.

Não tenho forças para assinar, me sinto anêmico. Foi a ejaculação.

Tijuca / Nov 77.

Assinado:

(2ª via / vendedor)

*Recebi do Laboratório Wimpdrop a quantia de dez mil cruzeiros, pela venda de quinhentos mi de suspensão espermatozoídica em plasma seminal, congelada e contendo 90% de substância orgânica liofilizada.*

*Recebi a honra de ser um dos dez laboratórios locais escolhidos para trabalhar com essa grande instituição científica, no serviço de coleta e semiprocessamento desse material Assim, além da inveja e respeito do círculo científico local, alcancei a oportunidade, única, de ver meu nome na galeria de colegas que ajudaram no uso - abuso experimental da pílula anticoncepcional nas mulheres da população pobre da Costa-Rica, numa empreitada sem nenhum escrúpulo ou consentimento legal*

*Recebi também outro contrato, com exclusividade por dez anos, para a entrega mensal de uma quantidade fixa de sangue filtrado-centrifugado-decantadohomogeneizado e atestado como ideal para pacientes estrangeiros.*

*Não tenho forças para assinar, me sinto trêmulo, É a emoção.*

*Tijuca/Dez 77.*

*assinado: Dr. Castilho Júnior.*

(2ª via / vendedor)

*Recebemos da filial da Wimpdrop Lab. Company a quantia de cem mil cruzeiros, reversíveis em moeda estrangeira, pelo transporte e entrega em Nova Jersey de carga aérea pesando dez quilos (10 kg), contendo material científico desconhecido, classificado como produto frágil e isento de fiscalização alfandegária.*

*Recebemos também um forte cheiro de Camembert que, se alastrando por toda a primeira classe, ocasionou um consumo exagerado de queijos e vinhos por parte dos passageiros durante todo o percurso transcontinental. Foi presente de grego que exauriu as reservas de bordo, tanto de Brie como de Saint-Paulin, Bleu d'Auvergne, Crème de Gruyère e Pont l'Evêque, e que esvaziou completamente nossa "petite" adega de Médoc, Besune, Mâcon Rouge, Châteauneuf-du-Pape e Anjou Rosé, não deixando espaço para a barganha comestível sempre tão sonhada pelas tripulações dessa companhia.*

*Recebemos, por fim, uma queixa inaceitável (pois não embalamos o produto) pelos danos e rupturas parciais sofridos pela malfadada remessa durante o transporte que, além de causar os distúrbios supracitados, melou todo o compartimento de carga da aeronave em questão.*

*Não temos forças para assinar, nos sentimos tontos. Foram os vapores do Camembert.*

*Nova Jersey/Mar 78*

*assinado: Nova Jersey Airlines.*

*(2ª via / vendedor)*

*Recebemos da Região Administrativa da Tijuca a quantia de um milhão de cruzeiros, reversíveis em moeda estrangeira, pela venda de quinhentos mil comprimidos nutrientes contendo alta concentração de variados proteicos, gorduras, enzimas, glicídios e fosfatos, sendo seu uso recomendado para crianças em idade de crescimento.*

*Recebemos também permissão para estudar os efeitos do novo comprimido que, misturado à merenda escolar gratuita, será ingerido pelas crianças pobres que se valem desse serviço para sua subsistência alimentar.*

*Recebemos por fim, através deste contrato experiência, a oportunidade de um dia lançarmos esse produto no lucrativo mercado de Nova Jersey, já que as autoridades de controle de medicamentos dessa cidade são criteriosíssimas, só permitindo o consumo de substâncias isentas de nocividade e exaustivamente testadas.*

*Não temos forças para assinar, nos sentimos cegos..É a expectativa científica.*

*Nova Jersey / Julho 78*

*assinado: Wimpdrop Lab. Company.*

*(Grupo Internacional Comercial Union Assurance)*

*(1ª via / comprador)*

Recebemos do prof. Charles Fukefood, diretor do Departamento de Nutrição Orgânica da Universidade de Nova Jersey, pela quantia de duzentos mil dólares mais 1% (um por cento) sobre todos os lucros de venda do comprimido SPTZ/1500, os estudos referentes ao método de fabricação do referido comprimido.

Recebemos concomitantemente a certeza de que a droga, feita de extrato de esperma humano, é altamente nutritiva por não perder nenhuma das qualidades e propriedades do sêmen fresco, desperdiçado até então por questões morais e filosóficas, mas indubitavelmente uma das mais ricas e completas fontes de alimentação.

Recebemos, também, as seguintes conclusões e extrapolações auspiciosas, apresentadas pelo professor: A - poder-se-á em futuro próximo, graças a novo recipiente desenvolvido na Universidade, optar pelo processo de coleta de material domiciliar e per-cópula; B- esse tipo de coleta, seguro e inócua para o esperma, dará matéria-prima abundante; C - com esta novidade contribui-se para um efetivo controle da natalidade, pois o diminuto recipiente de colocação intravaginal succionará todos os espermas que inundam a vagina durante o coito; D-- como as substâncias proteicas e nutritivas encontradas no sêmen são comuns a todos os homens (indiferente de raça, cor ou nacionalidade), só havendo variação na disposição espacial dos radicais proteicos (código genético) e como esse código não é transmitido por ingestão oral, não há perigo de contaminação genética e nem rejeição por parte do alimentado. (OBS: Extrapola-se das antigas negras, mães de leite, aos futuros negros, pais de leite). E- finalmente conclui-se que o esperma, por ser abundante na natureza (somente em raríssimas condições o homem deixa de produzi-lo), tem um preço de oferta muito baixo só sendo atrativa sua venda entre indivíduos desprovidos de recursos.

Por outro lado, nas condições atuais, nossa pílula é o produto Ideal para esses indivíduos (normalmente subnutridos). Logo, realimentaremos a fonte da matéria-prima mais barata e perpetuaremos o baixo custo do ciclo, o uso e venda do SPTZ/I.500 por longo tempo (método "status quo" circular).

Temos forças para assinar. Sentimo-nos potentes.

Nova Jersey / Para todo o sempre.

Assinado: Wimpdrop Lab. Company.  
(Grupo Internacional Comercial Union Assurance)

## UM CURRICULUM

GRUPO INTERNATIONAL COMMERCIAL UNION ASSURANCE

### CURRICULUM VITAE

#### 1. Identificação

1.1. Nome completo - Gustavo Hitseil

#### 1.2. Filiação

Pai - Fritz Hitseil (imigrante alemão)

Mãe - Gertrude Eldeman Hitsell (imigrante alemã)

#### 1.3. Dados Pessoais

Idade - 57 anos, sexo masculino

Estado Civil - casado

Cor - branca

Religião - Protestante/luterano

#### 1.4. Residência Atual

Rua Marechal Pimenta nº 20/apto. 1301/Porto Alegre/11.000

Estado do Rio Grande do Sul

Tel.: 337-0196/337-0195

#### 1.5. Dados de Nascimento

Cidade - Porto Alegre

Estado - R.G.S, Data - 29/3/1919

#### 1.6. Carteira de Identidade

Reg. nº 2477208 Emitente - Instituto Estadual de Identificação Data - 23/8/1938

#### 1.7. Título de Eleitor

Reg. nº 20,314 Zona 1ª Seção 12

Cidade - Porto Alegre Estado - R.G.S.

#### 1.8. Quitação com o Serviço Militar (Antiga Linha do Tiro)

Certificado nº 3ª/6037 Data - 14/6/1940 Série H Emitente - 4ª CSM

Obs.: O candidato foi dispensado.

#### 1.9. C.P.S.

Reg. nº 10.CLA/3001

#### 1.10. Dados Familiares

##### A. Cônjuge

Nome - Maria Guilhermina Minkmel Hitseil

Idade do Cônjuge - 52 anos

Profissão do cônjuge - prendas domésticas

##### B. Filhos

Nº de filhos -- Um.

Nome - Sérgio Hitseil

Sexo - masculino

Idade - 30 anos

Profissão - médico

Estado civil - solteiro

## 2. Formação Pré-Universitária

### 2.1. Ciclo primário (5 anos) (1927-1932)

Externato Teuto-Grandense - Rua Dr. Ariano de Macedo Porto Alegre - R.G.S.

### 2.2. Ciclo Gínasial (5 anos) (1927-1932)

Externato Teuto-Grandense - Rua Dr. Ariano de Macedo Porto Alegre - R.G.S.

### 2.2. Ciclo Colegial (3 anos) (1937/1940)

Escola Técnica de Secretariado - Rua Funcionários da Paz - Porto Alegre/R.G.S.

## 3. Formação Universitária

Ano de ingresso na Universidade - 1941

Universidade Federal do Rio de Janeiro (antigo D.F.) Escola - Faculdade de Engenharia e Matemática Ano da formatura - 1944

Obs/1 --Trabalho prático (opcional) realizado pelo pleiteante no último ano da Faculdade.

A - De 17/1/44 a 17/4/44 - Matemática Sanitária (no Centro de Águas e Esgotos do antigo Distrito Federal).

B - De 18/4/44 a 24/6/44 - Estatística do Custo Suplementar (na Associação Comercial do antigo Distrito Federal).

C - De 25/6/44 a 20/12/44 - Trabalho Prático em Pesos e Medidas (no Instituto de Pesos e Medidas do antigo Distrito Federal).

Obs/II - Para Histórico Universitário completo/Vide pasta complementar.

## 4. Atividades Profissionais

### 4.1. Cargos Ocupados

A - Funcionário do Instituto de Pesos e Medidas do antigo DF (nomeado) de 1944 a 1947.

B - Supervisor de Custos e Controle de Qualidade da Fábrica de papel higiênico - Sonho do Gaúcho - (uma companhia do grupo Hanst e Borman) de 1950 a 1955.

C - Assessor de Custos e de Administração Geral da Viação Aérea Gauchita, de 1955 a 1965.

D - Consultor de Administração e Custos das Indústrias Reunidas de Porto Alegre, de 1965 a 1967.

E N Consultor de Administração e Custos de União Internacional Comercial de Seguros (uma empresa do Grupo Internacional Commercial Union Assurance) de 1967 a 1969.

F - Diretor-Consultor da União Internacional Comercial de Seguros (uma empresa do Grupo Internacional Commercial Union Assurance) de 1969 a 1973.

G - Vice-Presidente da União Internacional Comercial de Seguros(uma empresa do Grupo Internacional Commercial Union Assurance) de 1973 a 1976.

### 4.2. Participação em Congressos, Jornadas, Seminários e Encontros.

A. III Seminário Distrital da Pesos e Medidas (correlator)/antigo Distrito Federal/1946.

B. IV Seminário Distrital de Pesos e Medidas (relator)/antigo Distrito Federal/1947.

C. XXXIV Encontro Americano de Pesos e Medidas e Custos (participante) Washington/1949.

D. XII Jornada Americana de Administração de Empresas (participante) Washington/1950.

E. I Congresso Rio Grandense de Custos e Administração de Empresas (diretor executivo)/Porto Alegre/1955.

F. II Congresso Rio Grandense de Custos e Administração de Empresas (diretor financeiro)/Porto Alegre/1956.

G. III Congresso Rio Grandense de Custos e Administração de Empresas (diretor permanente)/Porto Alegre/1957.

Nota/Vip: Para facilitar a leitura deste curriculum, adiantamos que o candidato tomou parte em todos os Congressos Rio Grandenses de Custos e Administração de Empresas. Foi eleito vice-presidente honorário e

vitalício no ano passado. Os certificados se encontram na seção nove deste curriculum.

H. XXXIV Congresso Internacional de Custos e Administração de Empresas (participante)/1966.

I. XXIX Jornada Americana de Administração de Empresas (participante)/1976.

#### 4.3. Estágios de Especialização no Exterior

A. Fellow do Instituto de Pesos e Medidas Americano.

Bolsa do Instituto de Pesos e Medidas do Antigo Distrito Federal de 1948 a 1950.

B. Estágio Remunerado na Seção de Custos e Administração da Fábrica de Revólveres de Brinquedo Von Grupp/Frankfurt/Jan. a Mar. 1960.

#### 5. Atividades Docentes

##### 5.1. Cargos Ocupados

A. Professor-assistente da Cadeira de Custos da Faculdade de Administração de Empresas da U.F.R.G.S./1965-1969.

B. Professor Regente da cadeira de Custos da Faculdade de Administração de Empresas da Universidade Estadual/de 1969 até hoje.

##### 5.2. Cursos Ministrados (além dos cursos curriculares)

A. Curso de Custo Aéreo - Universidade Noroeste/1967, 1969 e 1970.

B. Curso de Custos em Conglomerado Industrial/Universidade Sudoeste de São Paulo/1971 e 1972.

C. Curso "O Custo em Seguros"/Universidade Federal do Rio de Janeiro/1974, 1975 e 1976.

##### 5.3. Conferências Ministradas (além das conferências curriculares)

5.2. A. Aula inaugural do Curso de Custos da Faculdade de Administração de Empresas da Universidade Federal de Pernambuco/tema: O Custo da Apólice de Seguro/Março 1972.

B. Aula inaugural do Curso de Custos da Faculdade de Administração de Empresas da Universidade Federal de Minas Gerais/tema: O Custo da Apólice de Seguro e o Homem Moderno/Março 1974.

Nota/Vip: O candidato ministrou um número bastante razoável de conferências e palestras, tanto em Instituições Governamentais como em particulares. Selecionamos as mais expressivas (itens 5.3.A e 5.3.B). Para maiores detalhes vide item 9. Adiantamos que o tema Custo e Administração de Empresas é uma constante.

#### 6. Outras Associações

6.1. Associado do Centro Wagner de Tradições/Porto Alegre.

6.2. Sócio-diretor-vitalício-convidado do Centro Recreativo dos Funcionários da Viação Aérea Gauchita/Porto Alegre.

6.3. Sócio-diretor do Centro Esportivo dos Trabalhadores das Indústrias Reunidas do R.G.S./Porto Alegre.

6.4. Sócio Honorário do Lions Club.

6.5. Sócio Honorário do Clube dos Lojistas/Porto Alegre.

6.6 Sócio Fundador do Clube do Custo/Porto Alegre.

6.7. Sócio do late Club/Porto Alegre.

Nota/Vip: Novamente foram classificadas as mais significantes atividades. Maiores detalhes vide item 9.

#### 7. Outros elementos (homenagens, honrarias/conhecimentos de Línguas Estrangeiras)

7.1. Aclamado como o "Homem do Custo Aéreo" pela Sociedade da Viação Aérea Gauchita - 1965, 7.2. Aclamado como o "Homem do Custo" pela Revista Custo Industrial q 1970.

7.3. Paraninfo dos Formandos da Faculdade de Custo e Administração de Empresas da Universidade Federal do Maranhão - 1975.

7.4. Honrado com a comenda "O Mérito do Escritório", pela Sociedade Comerciante de Porto Alegre - 1976

7.5. Honrado com o título de "O Homem Apólice",pela União Internacional Comercial de Seguros (uma empresa do Grupo International Commercial Union Assurance) -1976.

7.6. Conhecimento de Línguas Estrangeiras.

Alemão - escrito, lido e falado

Inglês - lido e falado

Espanhol- falado

Nota/Vip: Para maiores detalhes deste item/vide item 8.

## 8. Documentos e Comprovantes

Notas: A. Vide Pasta Complementar.

B. Todas as cópias fotostáticas apresentadas nesta pasta foram devidamente reconhecidas pelo 9º Cartório de Firmas da Cidade de Porto Alegre e são acompanhadas por cópias em inglês, também reconhecidas, selecionadas e traduzidas por Tradutor Público Juramentado.

## 9. Certificados e Diplomas

Nota: Mesmas observações contidas no item 8.

## 10. Referências

Seguem-se dez cartas de referência, também copiadas, reconhecidas, seladas e traduzidas.

Este curriculum e todas as pastas complementares foram apresentadas na Reunião Geral da Presidência da Internacional Commercial Union Assurance, em maio de 1977. Na ocasião escolheu-se o Vice-presidente da empresa para todo o hemisfério sul. Havia três candidatos e o resultado será divulgado em agosto, quando da Assembleia Geral da Companhia a realizar-se em Washington.

Extrato do curriculum do Dr. Sérilo Hitsell, filho do Sr. Gustavo Hitsoll, lido durante uma das sessões da Sociedade de Psicanálise do Rio de Janeiro, quando pleiteava Ingresso na referida Instituição:

"... e durante seu curso de Pós-Graduação, no Instituto de Psicanálise e Psicodinâmica da Universidade de Nova York, efetuou dois trabalhos de pesquisa:

No primeiro - "A prática obsessiva e o perfeccionismo Irracional do pai neurótico crônico" - ressaltou os aspectos junguianos e mendellianos da figura paterna, frente a um momento histórico-cultural determinado. No segundo "De uma reação de masoquismo e voyeurismo ao paciente edipiano castrado" - associou, à luz das novas teorias lacanianas e behavioristas, o paciente edipiano com a procriação de analista."

## O LAUDO

A Porta foi aberta. O frio seco em sua cara. Ele vagarosamente puxou o pacote para dentro da sala. Arrepiou-se com a temperatura. Espichou a perna batendo a porta com o pé. Olhou e não comentou nada. Voltou à carga e empurrou o pacote em diagonal pela sala. Deslizou curvado e arqueado. Estancou e forçou passagem por uma porta de dobradiças. Virou à esquerda e, depois à direita. Suspirou em frente ao elevador. Ultrapassou o empurrado e pressionou o botão de chamada. Assobiou distraído para o ponteiro quebrado do mostrador. Aguardou. Bocejou. Em Abre-te Cézamo o elevador se despiu. Ele entrou e travou a emergência. Reolhou a massa bruta. Em movimento rápido e brincalhão, puxou a alça metálica e se guardou no canto frontal junto aos botões. O pacote vacilou, tropeçou no desnível e trilhado pelas bordas da porta se arrumou no elevador. Ele sorriu, liberou a emergência e sem perda de tempo apertou o número três. O cubículo subiu como guilhotina emperrada. Ele praguejou e sentiu o liso das paredes metálicas. Anosmou e esqueceu o sebo das paredes. Encostou. Impacientou-se mas não pensou. No terceiro andar a porta correu na horizontal e ele saiu atrás do pacote. Venceu um corredor e largou tudo no fundo. Abriu uma porta e acendeu a luz. Brincou com o interruptor. Dos relâmpagos artificiais tirou piscadas da nova sala. Por instantes viu mesas vazias. Lembrou-se da função, do velho Castro - velhos tempos. Associou as antigas mesas brancas com a luz fria estrebuchante. Detestava metal sem saber. Preferia mesas de louça ou mármore. Brancas. As atuais de metal eram horríveis. Línguas de diabo, era como as chamava. As lâmpadas clicavam mas os dedos não sossegaram. Por fim, parou. A luz estabilizou-se num branco homogêneo. Frio, Ele voltou ao pacote. Principiou a arrancada final, do corredor ao fundo da sala. Atravessava num entre mesas, num empurrar sem esforço por saber ser o último. Distraído, concentrava-se no nada até a cadeira tombar. Arrastada e virada. Foi pega pelo encosto. Canos de metal pintados de branco ressonaram no chão de ladrilho e, praticamente, acordaram o empurrador. Aprumaram o pacote que, por hábito, e não por desconcerto pelo incidente, continuou a marcha. A terceira mesa passou. Na quarta o embrulho foi depositado. Rolado do carrinho engripado para a língua do diabo. Ele quase comprimiu o dedo entre as bordas niveladas, mas resistiu ao palavrão. As rodas do carrinho desengriparam-se, era o peso. Ele correu, aos toques, o rolante enferrujado, soltando-o junto à janela. Da janela, nada se via - vidro fosco com

batentes cerradas. Ele esqueceu a noite e voltou ao trabalho. Desembaraçou alguns fios finos de outros grossos. Tomadas. Interruptou-os. Tocou a terra com curiosidade compreensível. Depois, desta vez sem brincadeiras, arriou três pinos de um conjunto de dezesseis e o teto da mesa se acendeu. Sem fascinação pelo acontecido, cruzou a sala. Sombrou-se do rodapé ao vidro fosco. Parabrisou com sua sombra toda a parede do fundo. Passou. Faceu os cabides vestidos no canto esquerdo e escolheu um avental comprido. Entregou o pescoço, acotovelou os braços num gesto simétrico de lembrança alada e atou os cordéis na traseira. Tudo por cima do guarda-pó amarelado. E arregaçando ambas as mangas, caminhou para a mesa em foco. Iniciou o segundo tempo.

Que merda, foi o Jurandir que fez esse pacote. Duas voltas no plástico. Que mania. A etiqueta também está no lugar errado. Outra burrice do Jurandir. Está todo inteiro. Branco. Novo. Eta desenrolado bonito. Que cheiro esquisito, mas está bom. Muito bom. Eu que não esperava por esta - uma joia. Deixa eu ver. Mas é melhor não mexer nisso aqui. Espera aí. Já sei o que vou fazer. Solto ele todo e arranco aquela parte ali. Está esgarçado mesmo, É, mas arranco com cuidado, os homens estão cada vez mais vivos e tem bicho novo na casa. Só estou fazendo antes porque é o Macedo que está lá embaixo na entrega. E sempre assim, quando tem peixe bom na rede tem o diabo no controle. Azar. Parece até coisa feita. Mas não tem importância, não. Estou acostumado e vou fazer bom trabalho, É, mas depois seria mais fácil, la render muito, la. Mas se quiser algo, tenho é que batalhar agora. Não tem outro jeito, É melhor ir com calma. Trabalhar certo. Depois de soltar, dou um pique com a faca e puxo forte para baixo. O que saiu, saiu. Se foi burrada deixo no lugar, É, mas acho que vai dar pé e vou levar meu naco. Vamos ver o resto. Por aqui não tem mais nada. É só. Vamos virar pra ver o gostoso. Puta, nem uma deixa. Nem um arranhão. Não dá pra inventar nada. Mas em compensação o batativo está solto. Um só. É, mas é mais que suficiente. Vai todo.

Ele começou o terceiro tempo mexendo nos registros. Torceu uma torneira e esperou. Depois do gargalhar inicial, a água murmurou mansa no espaço oco da mesa quatro. Lembrando-se da porta, pelo barulho da água, por simples cautela, mas não por medo ou arrependimento, resolveu fechá-la. Decidiu. E sem sentir, caminhou automaticamente para ela. Na volta, percebeu o guarda-chuva de D. Cristina. Em pé e seco junto ao armário. Diminui a marcha para observar melhor o esquecimento. E sem querer se envolveu com a sombrinha azul-marinho numa história sem graça e chata. Era culpado. Por seu empréstimo a secretária tinha se molhado. Fora lograda. Imaginou-a aos pingos na tarde chuvosa de anteontem. Por um maço de cigarros, seu vício reclamado no fim do expediente, deixou-a na mão. Na ocasião se aborreceu, num logo após se esqueceu. Agora relembrou a falta, para num esperado final sentir remorso. Santificou a pachorrente datilógrafa. Vai se desculpar, planejou. Reciclou os passos, sem passar por sua imaginação, intocada, uma outra história mais exuberante e estapafúrdia. Uma volta exdrúxula da desatenta funcionária à procura do emprestado por volta das quatro da manhã. Um acontecimento descabido e voante muito acima das possibilidades de quem tinha uma mente serena. Uma consciência tranquila.

O empurrador chegou às gavetas. Escolheu uma faca afiada e algo pequeno. Gesticulou para o raspador mas nem chegou a tocá-lo. Deixaria para depois, caso fosse necessário. Virou em direção ao empurrado e tirou uma meleca que colou distraído debaixo do tampo da mesa.

Durante o quarto tempo olhou o relógio da parede por duas vezes.

No quinto, fez uma limpeza quase cirúrgica.

E no sexto tempo fechou a porta. Saiu com uma sacola, sabendo ter adiantado o trabalho que começaria oficialmente às oito horas.

Foi cochilar.

(Extratos do documento datilografado por Dona Cristina às 8 h e 42 min do mesmo dia.)

Segue-se.

Instituto Médico-Legal

Centro de Exames Post-Mortem.

Autópsia médico-legal nº 10.995.729 Legista: Dr. Flávio Peixoto.

Assistente de Legista: Gilberto Silva.

Secretária: Cristina Pacheco.

Data: 15 de novembro de 1977

(PLANTÃO EXTRA)

A. Identificação

Nome: desconhecido

Sexo: masculino

Idade: aparenta 29 anos

Etiqueta: 427/09/5KO/DP

Data de recebimento: 16 horas e 17 min do dia 14/11/77 Procedência:

Divisão Policial da estrada de Ferro Central do Brasil

Data do exame: 8 h e 42 min do dia 15/11/77

#### B. Nota do Consentimento

A permissão legal será anexada a esse processo depois de ser assinada pelo comissário de plantão.

#### C. História

De acordo com a ficha policial entregue a essa repartição (vide folha anexa), o corpo foi encontrado junto aos trilhos ferroviários da linha suburbana paradora 9, da Estrada de Ferro Central do Brasil, entre as estações de Povinha e Batinha às 8h e 26 min do dia 14/11/77.

Sendo feito inquérito sumário no local, constatou-se o seguinte: o morto era usuário da linha férrea acima mencionada (bilhete encontrado em sua posse); confirmou-se que viajava no trem das 6h e 45min (nº RFF 314) em direção ao centro da cidade (passageiros presentes); que viajava seguro na alça externa do vagão sete (controlador de tráfego); que se encontrava sozinho em local irregular (testemunhas) que aparentemente estava desacompanhado (levantamentos); e que se soltou acidentalmente da condução em movimento (testemunhas oculares), quando essa, em velocidade, fazia a curva (nº 723 desta linha), conhecida popularmente como "da mulata" (relatos) e local de vários acidentes do mesmo tipo (depoimentos populares, intromissões e palpites).

A vítima trajava macacão pardo de brim (não usava peças íntimas) e calçava possivelmente tamancos (um tamanco foi achado a alguns metros do Corpo). Não portava documentos e, além do bilhete do trem (supracitado) e seis cruzeiros (tudo no bolso direito do macacão), apenas um recibo do laboratório de Análises Clínicas do Dr. Castilho Júnior no valor de \$50,00. Nenhum outro pertence (tais como: correntes, alianças, pulseiras, patuás, figas etc.) foi encontrado que facilitasse a identificação.

O corpo ainda não foi reclamado.

Conclusão do policial encarregado acidente.

#### D. Exame externo

Cadáver do homem jovem, pesando 65 Kg e 700g., em atitude atípica, medindo 1 metro e 69 cm de comprimento, em início de rigidez generalizada, de boa compleição muscular, pele branca, olhos castanhos, cabelos pretos, lisos e abundantes, panículo adiposo escasso, sem sinais particulares (cicatrizes, tatuagens, verrugas, etc.) não apresentando deformidades naturais e com o epitélio bastante desenvolvido nas regiões plantares e palmares. Por apalpação, uso de estilete cego e ainda observação, revela-se: contusões sangrantes e escoriações generalizadas .... hematoma labial .... extenso e profundo corte traumático abdominal com exteriorização de matéria hepática desalojada e esgarçada .... ampla ferida dilacerante e descarnificante com intensa impregnação de coágulos sanguíneos e terra no local da panturrilha direita (ausência da referida panturrilha) ..., esmagamentos musculares e queimadura superficial no dorso do pé direito.

#### E. Exame Interno

Cérebro: Mediante incisão posterior, despreendeu-se e rebateu-se o couro cabeludo. Comprovou-se: afundamento..., o cérebro apresentou-se descorado quando seccionado (peso do cérebro - 1 quilo e 430 gramas).

Boca, língua, pulmão: A cavidade oral estava ressecada com difusa hemorragia gengival..., uma obturação de amálgama no molar superior (admirável, considerando-se a suposta condição social do morto), e Língua recolhida com impressões dentárias. O pulmão... (peso dos pulmões - 937 gramas).

Coração: O coração não apresentava anormalidades (peso do órgão -- 322 gramas) ventrículos repletos de coágulos.

Estômago e conteúdo: O estômago continha poucos restos de alimentos, parcialmente digeridos em sobrenadante de café. Normal.

Intestinos, e cavidade abdominal: Excetuando-se exposição parcial do intestino delgado (ferida descrita) com ruptura do peritônio, nada mais foi digno de nota. Percebeu-se odor fétido no momento do corte, após

a evacuação da cavidade abdominal.

Fígado: O fígado se encontrava praticamente desalojado, havendo, por arrancamento, ausência de tecido hepático. O órgão estava esgarçado e hemorrágico.

(peso normal do órgão - 1 kg e 630 g) (peso encontrado - 800 g).

Vias urinárias: bexiga normal. Continha urina clara.

Órgão genital: Saudável. Ao corte Longitudinal, evidenciou-se sêmen no canal uretral.

Dorso e glúteo: Íntegros, sem escoriações.

Membros superiores: Bíceps... Musculatura desenvolvida.

Membros inferiores: Aparelho locomotor esquerdo íntegro.

Na perna direita, além da perda já descrita (massa muscular na panturrilha), houve amplo deslocamento tibial sem fratura. O transbordamento sanguíneo deve ter sido intenso. A queimadura no pé era insignificante.

Sangue: Foi retirada amostra para o laboratório.

F. Causa Mortis

Hemorragia cerebral e anemia aguda.

G. Opinião do Legista

Pelo estudo realizado existem verdadeiras relações entre a causa mortis e o acidente descrito no item C.

Ressaltamos porém que o item se encontra incompleto. Solicitamos, para melhor compreensão do caso, a reabertura do inquérito policial a fim de que sejam esclarecidas as seguintes dúvidas: 1. Foi o acidentado arrastado pela condução em movimento? 2. Se não, como explicar perda de tecido humano? (no caso em apreço, parte do fígado e massa muscular da panturrilha). 3. Foram encontrados restos humanos no local do acidente? 4. Os mesmos chegaram a ser procurados? 5. Houve saque ou distúrbio popular na ocasião do acidente? 6. Houve profanação? 7. Se tal, a quem atribuir a culpa?

Requeremos também descrição pormenorizada do corpo e do local do infortúnio pelo policial encarregado (primeiro relatante).

Enviar à direção.

### **Notícia encontrada na coluna**

“Do outro lado do mundo”

(New York Times) pg 16/3º caderno/quinta-feira/ 3/12/77.

Segue-se

Curiosidades. - Mais um caso de antropofagia ocorreu na América Latina, desta vez no Rio de Janeiro.

O antropófago, um assistente de Instituto Médico Legal local, recolhia sua alimentação entre os cadáveres examinados naquela casa. Ainda não se averiguou o número exato de corpos mutilados e profanados, mas sendo ele funcionário antigo da instituição, acredita-se em longa prática. O inquérito continua.

De acordo com o professor Robert Perosta, diretor do Centro de Antropologia Avançada da cidade de New York e procurado por nossa equipe, existe uma imensidão de aspectos envolvidos em qualquer processo antropofágico.

Explicou por que não fazer parte da nossa cultura e vivência atuais, como acontecia entre algumas civilizações primitivas da antiguidade, o ato é guiado por dois mecanismos principais, ou existe uma extrema necessidade nutritiva (o famoso caso do aviado canibal dos andes) ou existe patologia psiquiátrica evidente (atitudes vampirescas de certos doentes mentais), mas em ambos os casos, ressaltou o eminente professor um profundo sentimento de culpa e arrependimento se instala. ‘A consciência deste indivíduo nunca mais será tranquila’, proclamou o especialista e prosseguiu “não tenho detalhes específicos a respeito deste caso, mas posso adiantar que tendo lido somente sobre casos de má nutrição na área e nunca relatórios sobre fome extrema, acredito que a hipótese psiquiátrica seja a mais a viável”. E finalizou com uma advertência, “ninguém fica impune frente a tão monstruoso crime; cedo ou tarde tudo é descoberto.”

## POSFACIO

### Testamento para ser lido em plena vida

Ivan Cavalcanti Proença

A abertura de *Trilogia (Recibos/, Um currículo/Olaudo)*, em espécie de subtítulo advertência, o A. lembra ao leitor "arquite na ordem desejada". Porque, afinal, o que importa nessa estória dos recibos não é a sequência dos fatos ou a ordem cronológica dos tais recibos, menos ainda quanto vale em dinheiro cada negociata isoladamente: a do anêmico doador de sangue, de um laboratório para outro, da Arline transportadora, ou mesmo entre a Região Administrativa da Tijuca e o laboratório-chefe Wimpdrop (!). Antes impor, e ai é pra valer, a violência de toda uma trama empresarial, e típica das estruturas capitalistas, que deságua, desaba e se projeta sobre a criança brasileira (tinha que ser nela, não é?) que fatalmente tomará aqueles comprimidos. E, mais, atingindo as crianças pobres - que acabarão cobaias das novas experiências tramadas em New Jersey e na Tijuca: misturados à merenda escolar serão testados os novos produtos do laboratório. Numa só narrativa, até sucinta, o A. enquanto "cria" um modo de dizer, também o "documenta", através das 1ª e 2ª vias. Não importa a ordem dos recibos, de seu arquivo, nem de sua leitura, Assim, o raciocínio, igualmente, vale para o livro todo e suas partes.

Doc Comparato aproxima as técnicas, seu próprio narrar artesanal, (isto é, o literário enquanto força também estilística) do recurso digamos jornalístico, registro documento. E, assim, também não interessa a ordem de leitura das histórias, embora todas consigam uma incrível organicidade de conteúdo, em seu episódio aparentemente boêmio. E não importa, o que é mais curioso, a leitura prévia ou pós dos anexos, apêndices, extratos, adendos, etc. Que poderiam vir antes, no meio, ou depois. Porque o que vai contar, mesmo, é a porrada geral que o A., em um combate de 7 rounds, vai desfechando na sociedade, nas instituições (institucionalizadas), no nosso modo de viver e ver o dia a dia.

Ali estão os "enxertos": A notícia (ironia com o pobre anão suicida) da iminente descoberta do hormônio do crescimento; do release da Editora maio (.t) "política e filosofia para o homem moderno", "a receita do bolo fofo americano," o telex confidencial (meio FBI) cobrando friamente metas e lucros, falando em marketing, ass. Hoover (.t); os extratos de conversas cotidianíssimas (manicure, alfaiate, maquiladora, barbeiro, cabeleireiro, camiseiro e padre); o extrato final do currículo, e o do documento laudo; a notícia do New York Times. Todos, porém, ilustrando e principalmente funcionando para demonstrar a relação causa efeito entre as coisas e gentes de uma sociedade. E tanto faz uma "ordem", o que importa é o íntimo relacionamento entre os fatos e suas tensões e implicações sociais e ideológicas. Nada é porque é, ou porque tem de ser assim, ou porque as pessoas são assim ou "a vida é isso, né?". Antes, tudo obedece a um bem engendrado esquema imposto e desfrutado por poderosos e donos do sistema ambos desejosos de que todos entrem em forma, "cabeça de papel se não marchar direito...", e de que, em coro, "faremos tudo que seu mestre mandar".

- O nível conteudístico

E dentro desse realismo (nunca realismo, estilo de época, e sempre o realismo no campo dos compromissos do escritor com o real, e do leitor Com o resgate desse real, críticos ambos), como dizíamos, nesse nível é que se constatará o conflito do anão que apela - que nem o porco da anedota - para a morte em evidência. Assim também é que se pensará o testamento de quem, afinal, pode cuspir na família, nas instituições (ainda sem o bolo), nos amigos, tendo por única testemunha você. A inda dentro dessa perspectiva, é que se diz do assalto frustrado ao banco, quando o marginal, além de acabar optando pela família, "com família não se brinca", ainda esquece no local do crime um livro coincidentemente subversivo, e que levará o assalto para a área de Segurança Nacional. O crime de dona Lurdes, digno de um MM Elery Queen, onde ambos, ela e o marido, serão vítimas de todo esse mundo de preconceitos que transforma uma simples separação de casais em algo dramático e trágico." o formalismo, o sistema de aparências e o "não assumir" de ambos os sufoca e aniquila. O Entrevistando, solil6quio terrível que se funde à sentença de propaganda do "leite em\_ pó que tornou o peito secundário e o pó primário". vitória da aliança entre a tecnocracia (reacionária) e o poder." sigilos, segurança e força unidos. A futurologia enfocada por repórter e entrevistado, que vivem harmoniosa e tipicamente seus papéis, inclusive no conselho final - e tudo é

mesmo indústria, segundo o prof Konrad Klein Kubrich (!) \_ recomendando ao papa que inove suas preces. E o sermão-padrão do padre Augustinho Cesar na comemoração das bodas de prata do corretíssimo casal Ana e Ary Vasques Santos, ela devotada professora e hoje Diretora do Instituto de Educação e ele funcionário da Secretaria da Viação e Obras Públicas, hoje Diretor de Administração Geral da Tijuca."

"Meus caros irmãos, esse momento de júbilo é plenamente justificado. Nossa comunidade presta as devidas homenagens ao casal, perante Deus Pai, Deus Filho, Nossa Senhora e perante a Igreja Católica que assistiu, numa consagração realizada há vinte e cinco anos atrás, ao nascer de Uma pequena célula." a família Vasques Santos. "

Com uma única ressalva." hoje para cada padre bem-comportado, fala mais alto um bispo, um arcebispo dessa nova Igreja nossa, aliada sempre.

E nesse nível ainda, de leitura de somatório de significados, aproximando arre (literária, no caso) e realidade social, é que chegamos às estórias de Trilogia, dos recibos, do currículo (praga que definitivamente nos ganhou) do laudo - e, na verdade, que são recibos e currículos serão laudos também? Concluindo-se as narrativas com a notícia para-americano-ler de mais um fato esdrúxulo na América Latina, dessa vez de antropofagia praticada por um assistente do Instituto Médico Legal do Rio de Janeiro.

O painel se completa, e o A, ou se solidariza, a seu modo, com os oprimidos, ou denuncia as forças que movem e deflagram, por outro lado, esse mundo de opressões e nítidas e pungentes discriminações.

- O mundo artesanal

Em momento algum deste livro - mesmo levando-se em conta a "montagem" e as propostas narrativas do A. - haverá vestígio de uma postura vanguardista ou de adesão obsessiva a um novismo, atitudes que, entre nós, acabaram por identificar-se, exata e respectivamente, com uma retaguarda e um espírito tradicional, antiquíssimo, de busca do diferente pelo diferente. Por outro lado, quem "pretender identificar Gênero neste texto, enquanto classificação didática, operacional, também acabara desistindo, de vez que a técnica de fusão, ou melhor, sucessividade, entre o fato documentado e o imaginário, afinal predomina, não interessando nem mesmo saber a exatidão, ou a precisão técnica, por exemplo, dos termos de medicina, corno também pouco importa (neste caso específico) se o A. é médico na vida real(?).

Claro que sendo livro de estreia, e de um moço, muito se poderia comentar em termos de espera-se isso ou aquilo, de esperancismos ao nível formal, artesanal, no trabalho do A. Mas não costuma ser este um dos critérios de nossos estudos. Vale o que aqui se apresenta a quem lê. E, assim, já se observa no livro o correto domínio de um ritmo moderno de narrativa em prosa, como, por exemplo, a alternância de períodos telegráficos e longos. Aqui e ali talvez se deva cogitar (em novas edições que virão ou em outros textos do A. ) de uma ênfase pacientíssima ao critério de seleção vocabular, à adequação de diálogos, e de contenção ao tom, por vezes de ansiedade, e discursivo (doutrinário quase) do narrador não personagem. Que o recurso do intruso surja mais natural, já que há inegavelmente uma tendência no A. de valer-se deste narrador. Por outro lado, a criação/descrição/caracterização de tipos é hábil, bem como a manipulação das falas e pensamentos que lhes cabem. Suaves e bem trabalhadas as passagens para o discurso indireto livre ou monólogo interior."

"Entregou o pescoço, acotovelou os braços., e arregaçando ambas as mangas, caminhou para a mesa. Iniciou o segundo tempo. Que merda, foi o Jurandir que fez esse pacote. Duas voltas no plástico. Que mania... Ele começou o terceiro tempo mexendo nos registros. Torceu uma torneira e esperou".

Cada um exerce a tarefa artística, de criar, como lhe convém. Mais seria profundamente injusto alguém exercê-la, em clima de "não me venham com Compromissos" OU "não aceito funções sociais de arte e outros não me toques do gênero. A menos que se pretenda cafetizar o talento ou curtir a arte (e, por extensão, a cultura), é impossível alguém, que se pretenda viver um mundo intelectual, o que equivale a um mundo de reflexão, conservar melindres ou pretensões meramente artísticas (?), diante de tudo que aconteceu e acontece - e se divulga só agora claramente - em nosso chão. Mesmo que um livro todo só favorecesse a tomada de posição ou a consciência crítica de um único leitor, ainda assim valia a preocupação do A. com a sua responsabilidade de dizer, pública e abertamente, alguma coisa.

E, por isso, os textos deste volume sugerem diversos modos de se pensar melhor o mundo em que se vive. Os personagens têm sua maneira, a possível, de vingar-se - através de um testamento, através do bolo das instituições, etc. O A. e seus contos (crônicas, fragmentos, narrativas, ou o que sejam) também. Daí, a importância, grande, deste livro.

## Créditos

© copyright DOC COMPARATO  
Todos os direitos reservados ao autor

Coordenação Editorial:  
José Fernando Tavares

Produção livro digital:  
Booknando Livros

Revisão:  
o autor

ISBN: 978-85-5715-027-0

Primeira edição digital: 2018

Booknando Livros  
E-mail: [info@booknando.com.br](mailto:info@booknando.com.br)  
Site: [www.booknando.com.br](http://www.booknando.com.br)